

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO

GIOVANI ADELINO MATTIELLO

**ESPERANÇA CRISTÃ:  
UMA ÉTICA PARA A VIDA A PARTIR DA TEOLOGIA DE JÜRGEN MOLTSMANN**

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

Porto Alegre

2014

GIOVANI ADELINO MATTIELLO

**ESPERANÇA CRISTÃ: UMA ÉTICA PARA A VIDA A PARTIR DA TEOLOGIA DE  
JÜRGEN MOLTMANN**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

Porto Alegre

2014

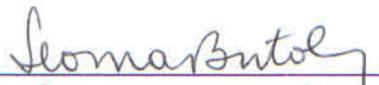
**Giovani Adelino Mattiello**

“ESPERANÇA CRISTÃ: UMA ÉTICA PARA A VIDA A PARTIR DA TEOLOGIA DE JÜRGEN MOLTSMANN.”

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, pelo Mestrado em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 26 de março de 2014, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin  
(Orientador)



Prof. Dr. Luiz Carlos Susin



Prof. Dr. Julio César Adam

## RESUMO

Dissertação apresentada ao Mestrado em Teologia sobre a esperança Cristã como uma ética capaz de ressignificar e orientar a vida a partir do pensamento do teólogo Jürgen Moltmann. Caracteriza-se a sociedade moderna técnico-científica a partir de suas crises. Analisa-se a modernidade em crise de sentidos e valores e suas consequências para a conduta social. Critica-se esse modelo de sociedade e suas concepções sobre indivíduo, sociedade, vida, morte, natureza, religião e cultura. Busca-se compreender, na teologia de Moltmann, a ética da esperança como alternativa para a superação dessa realidade de crise. Afirma-se a ressurreição de Cristo como motivo de esperança para a humanidade e o Evangelho de Cristo como modelo e critério para as relações humanas. Propõe-se uma ética da esperança, que redefina o lugar da humanidade perante Deus e a criação, motivando a uma participação mais ativa na busca de uma vida plena de dignidade e justiça.

**Palavras-chave:** Sociedade. Esperança. Ética. Justiça. Ressurreição. Vida.

## **ABSTRACT**

Dissertation presented for the Master`s Degree in Theology about the Christian hope as an ethic that is able to resignify and orient life, from the thought of the theologian Jürgen Moltmann. A modern technical scientific society is characterized based on its crises. The modernity in crisis of feelings and values and its consequences in the social behavior is analyzed. This model of society and its conceptions about individual, society, life, death, nature, religion and culture is criticized. It is sought through Moltmann theology to comprehend the ethic of hope as an alternative for the overcoming of this reality of crisis. The Christ resurrection is said as a sign of hope of the humanity, and the Christ Gospel as a model and criterion for human relations. An ethic of hope is proposed to redefine the humanity place in front of God and the creation, motivating to a more active participation for the seeking of a full life with dignity and justice.

**Key words:** Society. Hope. Ethic. Justice. Resurrection. Life.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>1 APONTAMENTOS SOBRE A SOCIEDADE MODERNA</b> .....	<b>12</b>
1.1 CRISES DA SOCIEDADE MODERNA.....	14
1.1.1 Crise nuclear.....	15
1.1.2 Crise econômica e social.....	18
1.1.3 Crise ecológica.....	21
1.2 REAÇÕES PERANTE A CRISE.....	23
1.2.1 Torpor psíquico .....	24
1.2.2 Sociedade do prazer .....	25
1.2.3 Escapismo romântico .....	27
1.3 PAPÉIS DA RELIGIÃO NA MODERNIDADE.....	29
1.3.1 Religião como culto à nova subjetividade .....	29
1.3.2 Religião como culto à solidariedade humana.....	32
1.3.3 Religião como culto à instituição .....	33
<b>2 HERMENÊUTICAS TEOLÓGICAS</b> .....	<b>35</b>
2.1 HERMENÊUTICA TEOLÓGICA DA VIDA.....	37
2.1.1 Afirmação da vida .....	38
2.1.2 Aceitação da vida, participação e interesse .....	40
2.1.3 Aspiração à plenificação .....	41
2.2 HERMENÊUTICA TEOLÓGICA DA NATUREZA.....	44
2.2.1 A terra e o <i>shabbat</i> .....	44
2.2.2 O início da criação .....	47
2.2.3 A evolução da criação.....	48

<b>2.2.4 A consumação da criação.....</b>	<b>50</b>
<b>2.3 HERMENÊUTICA TEOLÓGICA DA SALVAÇÃO.....</b>	<b>52</b>
<b>2.3.1 Salvação como Reino de Deus .....</b>	<b>53</b>
<b>2.3.2 Salvação como Justiça Divina .....</b>	<b>56</b>
<b>3 ESPERANÇA CRISTÃ COMO HORIZONTE E FONTE DA ÉTICA DA VIDA .</b>	<b>59</b>
<b>3.1 A ESPERANÇA CRISTÃ.....</b>	<b>61</b>
<b>3.1.1 Vitalidade da esperança: força de transformação.....</b>	<b>61</b>
<b>3.1.2 Orar e vigiar: despertar para a realidade.....</b>	<b>64</b>
<b>3.1.3 Missão Cristã: restauração da vida .....</b>	<b>67</b>
<b>3.2 CULTURA DA VIDA .....</b>	<b>70</b>
<b>3.2.1 Cultura da morte e Cultura do Reino de Deus .....</b>	<b>70</b>
<b>3.2.2 Sacralidade da vida .....</b>	<b>73</b>
<b>3.2.3 Dignidade humana .....</b>	<b>76</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>85</b>

## INTRODUÇÃO

Ao olhar para as relações que ocorrem dentro de uma determinada sociedade é possível perceber quais são os sistemas de valores, a moral e a ética pela prática social de seus integrantes. Em uma sociedade que se autodefine global, não só as relações econômicas estão atreladas, como a própria cultura sofre uma espécie de homogeneização e, desta forma, também o conjunto de princípios norteadores de uma sociedade sofre alterações. Adapta-se, transfigura-se e lentamente passa-se a um processo de padronização do pensamento, dos valores e da moral. Notadamente, a sociedade atual vive uma crise de sentidos, o ser humano coloca-se como centro dos desejos e necessidades, e assim constrói-se uma ideia perversa de autorrealização que em nada se aproxima da perspectiva Cristã.

Aturdidos pelo caos do barulho e da superficialidade, numa sociedade que prioriza o periférico e o superficial, o pouco profundo, vive-se um permanente vazio nas relações sociais. O grande dinamismo dos meios de comunicação e de informação aflige as pessoas com uma infinidade de sistemas de valores, onde o que predomina é o desejo e não a necessidade. As exigências do dia-a-dia impõem uma rotina onde raramente reserva-se momentos de reflexão, de aprofundamento e de cuidado espiritual. Uma espécie de liberdade individual desconectada das relações sociais passou a ser a grande propulsora de um individualismo que norteia a conduta social. A busca de autossatisfação é a tônica de uma sociedade de consumo e influencia sobremaneira o ser humano que, na procura de sua autonomia, coloca a si próprio como sendo a razão e o propósito da sua existência. O indivíduo é o centro da sua vida e essa condição determina suas relações sociais, que passam a se pautar em uma forma egocêntrica e individualista de ser. Essa inversão de valores define uma nova maneira de ser, que exprime exatamente a condição de contradição dessa sociedade. Busca-se fora de si aquilo que só é

encontrado no seu próprio ser, ao mesmo tempo em que busca em si aquilo que só se encontra na relação com o mundo exterior, na relação com o outro.

Na contramão de uma sociedade em crise de valores, a fé Cristã aponta para uma ética diferente, que busca no seguimento da cruz o motivo de sua plena autonomia e liberdade, que ressignifica o presente e caminha confiante para um novo futuro. Assim, o motivo de toda esperança Cristã não pode ser outro senão o próprio Cristo. Caso contrário, falar em futuro seria apenas uma especulação vazia, uma racionalização inútil ou um profetismo insidioso. Por meio do Cristo ressuscitado encontra-se um futuro: o do próprio Cristo e, conseqüentemente, o da criação. O futuro de Cristo é a promessa e motivo de esperança. Assim, vê-se o presente tendo o futuro como ponto de partida, porque todos são colaboradores desse futuro esperado.

O Deus da promessa se manifesta na história e através dela constrói o caminho para a salvação, sem que exclua disso a necessidade da participação da humanidade nessa construção. A promessa revelada por Deus não suscita uma realização no presente, mas orienta o presente com vistas ao futuro. O ser humano também se torna responsável pelo futuro da criação, e é convidado a imitar o Cristo nessa caminhada. Assim há a ética Cristã, uma conduta que oferece sentidos, propõe um ajuste de foco, reconduz a humanidade a pensar e agir coletivamente, a se redescobrir como sendo parte de um grande mistério que vai além da razão ou compreensão humana. Ao propor uma reflexão sobre a esperança e ética Cristã está se permitindo avaliar a realidade social e vislumbrar possibilidades a partir de uma teologia que indica uma responsabilidade e comprometimento para com o futuro. De fato o cristianismo já está presente majoritariamente na civilização ocidental, porém, a prática social não indica para uma ética de valores cristãos. Essa dificuldade se impõe na busca de respostas para uma ética cristã. Surgem questões urgentes a serem respondidas. Qual é esse cristianismo professado que não altera as estruturas de dominação e opressão? O que é preciso para que a fé cristã seja de fato uma força transformadora da realidade, a partir dos pressupostos do evangelho? Como se pode, a partir da experiência Cristã, chegar a uma fé viva, prática, vibrante e que contagie as pessoas para uma prática da solidariedade? Como pode o Cristianismo hoje associar-se à busca da justiça social e superação da crise de valores da sociedade? A ética Cristã aponta para uma verdade norteadora da vida, mas como, em uma sociedade desorientada e confusa, pode-se reconhecer

a verdade? De fato a fé Cristã não pode ser uma passiva espera da efetivação de um reino de justiça que se cumpre num plano apenas espiritual, mas antes, uma orientação para fazer aquilo que é possível nesse mundo para alcançar uma vida digna.

A metodologia utilizada para refletir sobre essas questões foi a de pesquisa bibliográfica e, para tanto, o autor escolhido foi o teólogo alemão Jürgen Moltmann. O teólogo luterano é certamente um dos pensadores mais importantes do século XX, e sua obra teológica, a partir da esperança escatológica, constitui uma grande inspiração para a teologia. A experiência de Moltmann, que esteve prisioneiro de guerra entre 1945 a 1948, expressa uma profunda reflexão do sentido da vocação cristã. Ancorado no tema da esperança e da missão cristã no mundo, é o teólogo adequado para esse estudo. Assim, para os dois capítulos iniciais serão consideradas basicamente as reflexões de Moltmann, sua visão sobre a realidade e sua análise teológica; a partir do terceiro capítulo utiliza-se também obras de outros autores, em especial, documentos da Igreja Católica.

O primeiro capítulo deste estudo, que leva o nome de *Apontamentos sobre a sociedade moderna*, trata da realidade observada por Moltmann a partir das dificuldades principiadas pelo advento, na civilização ocidental, de uma cultura técnico-científica. Essa cultura molda as relações humanas a partir de valores que contradizem, sobremaneira, os valores cristãos, expondo a humanidade moderna a uma crise de valores e sentidos. Inicia-se olhando para as crises que afetam toda a criação, em especial o ser humano que inserido na cultura moderna transforma-se a si mesmo em uma ameaça para a sobrevivência. Em seguida são analisadas as reações humanas perante as dificuldades impostas pelas crises apresentadas e, finalizando o capítulo, situa-se a religião neste contexto de modernidade, discriminando, a partir da reflexão de Moltmann, os papéis ditados pela sociedade e assumidos pela religião como práticas impeditivas para o adequado seguimento de Cristo.

No segundo capítulo aborda-se temas como a salvação, vida e natureza sob a análise teológica de Moltmann. As *Hermenêuticas teológicas* a partir do autor referência buscam um melhor entendimento do sentido da criação, de como a vida humana se relaciona com a natureza da qual ela faz parte e, conseqüentemente, com a salvação de todas as coisas. Inicia-se o capítulo expondo uma *hermenêutica teológica da vida*, com o princípio de que a vida é um direito humano e que não pode

ser violado. A vida, porém, para ser humana, deve ser afirmada e aceita, amada e participada, ter em si a aspiração para a vida eterna. Assim passa-se para uma *hermenêutica teológica da natureza*, onde se enfoca a criação como projeto de Deus, tendo início, evoluindo e, encontrando seu propósito maior, tornando-se a habitação do próprio Deus. Por fim, conclui-se o capítulo discorrendo sobre a *hermenêutica da salvação*, onde ela adquire uma dimensão universal, acontece a partir da vida e do amor de Cristo e está em relação direta com o Reino de Deus e com a justiça Divina.

O terceiro e conclusivo capítulo, intitulado *Esperança cristã como horizonte e fonte da ética da vida*, trata da práxis cristã diante da sociedade. A esperança, compreendida por Moltmann, impele o ser humano a agir no momento presente tendo em vista o futuro que espera. A relação feita entre a esperança Cristã e a sociedade contemporânea deve resultar numa ética que atribua sentido à vida humana, como uma proposta de ação transformadora da realidade apontando para a sua plena dignificação. Portanto, uma ética Cristã implica numa forma de ser e agir no mundo e se oferece como resposta para a busca da humanidade. Num primeiro item ressalta-se a esperança Cristã como vitalidade, como força propulsora que conduz o ser humano a despertar para a realidade vivida de modo a percebê-la e compreendê-la e, assim, poder mudá-la. Assim a ética Cristã é indissociável da fé em Cristo, devendo ser a vida do Cristão, o pleno testemunho do amor de Deus. Num segundo momento, para concluir o capítulo, fazendo uso também do magistério da Igreja Católica, são tratados os argumentos teológicos que reposicionam o tema da vida no sentido e orientado para Deus. Aponta-se para a necessidade de uma proposta, a partir do evangelho de Jesus, de uma cultura que valorize e promova a vida humana e que oriente a uma vida feliz. Levando em conta a contradição entre a atual cultura de morte e a proposta do Reino de Deus, evidencia-se a sacralidade e a dignidade da vida humana a partir da própria missão de Cristo.

Este estudo sobre a esperança Cristã pretende fornecer subsídios para uma reflexão madura, apontando para uma ética que possibilite uma atitude melhor perante a vida. A esperança Cristã deve ser, antes de tudo, uma busca pela verdade, um descontentamento com a realidade presente e um posicionamento de estranhamento perante um mundo que já não pode mais ser aceito passivamente. Implica, dessa forma, em uma busca de melhores condições para a realização da vida humana. Uma luta diária por justiça, solidariedade e dignidade. Esperança

Cristã é uma transformação do presente com vistas ao futuro esperado em Cristo. A espera não é uma ilusão de que a felicidade é reservada somente para um futuro distante e, assim, inatingível, pois as pessoas são presente, ou seja, é a partir do aqui e agora que existem. Os sofrimentos da vida, a dor do presente e as cruces diárias não podem ser vistas e aceitas apenas como uma possibilidade futura de recompensa. Pensar assim limita a uma passividade e uma indiferença diante das injustiças sociais. Mas a esperança é capaz de colocar as pessoas no caminho do amor, e compreender a vida além dos sofrimentos, ou melhor, é capaz de significar as dores e mostrar que a felicidade está no reto cumprimento da mensagem de Cristo. Assim, carregar a cruz com Cristo tem sentido, não é espera passiva, mas se torna um caminhar confiante e transformador mediante a esperança.

## 1 APONTAMENTOS SOBRE A SOCIEDADE MODERNA

Neste primeiro capítulo será abordado o tema da crise na sociedade moderna a partir da reflexão de Jürgen Moltmann. O teólogo lança um olhar para a realidade de modo a perceber as consequências do pensamento moderno como dificultador da prática de uma ética cristã. Ao se estruturar o pensamento no cientificismo, no racional e na técnica, a humanidade moderna passa a desconsiderar a dimensão do mistério, das realidades que não são experimentáveis por meio de instrumentos lógicos e racionais que testificam, quantificam, medem, pesam, somam e atribuem unidades de valor e leis gerais que pelas quais se passa a estabelecer parâmetros e padrões aceitáveis de explicações. O conjunto de revoluções ocorridas a partir do século XVII que imprimiram ao mundo ocidental uma nova forma de visão ancorada na racionalidade e na técnica científica produz uma forma de relação entre os seres humanos, que Moltmann define como “estabelecidas por objetos e interesses materiais”<sup>1</sup>, com a conseqüente neutralidade “quanto aos valores e religiões”.<sup>2</sup> De fato, no pensamento moderno, só a razão é capaz de conhecer a verdade e responder às perguntas que são passíveis de respostas. Da mesma forma que o saber nasce da realidade observada e experimentada, deve retornar ao mundo para transformá-lo. A humanidade quer a técnica da transformação, da recriação e, nesse contexto, desenvolve a mentalidade crítica, questiona a autoridade da Igreja e da tradição de forma que a própria humanidade seja o novo parâmetro para, a partir daí, repensar o próprio saber, a moral, a política, os princípios e os valores.

Para Moltmann, a sociedade passa a ser considerada “moderna” quando assume três características: o rompimento “com o domínio dos antepassados sobre os que vivem no presente”<sup>3</sup>, passando a valer-se de sua indicação para o futuro como orientador da vida presente; a sobreposição dos “valores de liberdade pessoal aos valores da pertença às tradições”<sup>4</sup>, onde as tradições já não marcam a vida do indivíduo nem configuram modelo para o futuro; o futuro como criatividade, como espaço de possibilidades que se abrem, “fascina os viventes”.<sup>5</sup>

Porém, essa ruptura com as experiências dos antepassados provoca uma

---

<sup>1</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 380.

<sup>2</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 380.

<sup>3</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 34.

<sup>4</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 34.

<sup>5</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 34.

“quebra do nexa entre as gerações”<sup>6</sup> e a consequente perda da “memória da humanidade”<sup>7</sup>, resultando “apenas homens de momento, como se fossem moscas efêmeras”.<sup>8</sup> A humanidade que se emancipa em relação ao que tradicionalmente lhe conferia atribuições morais, também se emancipa em relação a Deus e à Igreja. A consequência desse pensamento, no âmbito das relações humanas, é descrito por Moltmann como abstrata, pois a associação entre os seres humanos se dá apenas pelo suprimento das suas necessidades materiais.

É uma sociedade que, pela fundamental emancipação de todos os pressupostos e de todas as ordenações humanas historicamente transmitidas, tem por conteúdo unicamente a constante e uniforme natureza das necessidades do ser humano como indivíduos e sua satisfação pelo trabalho comum e pela divisão do trabalho.<sup>9</sup>

É tendência das sociedades modernas e mais complexas que os valores tradicionais sejam substituídos pela interação social que deriva da necessidade em razão da especificidade do trabalho. Essa tendência é observada pelo sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917), que aponta para a superação de uma solidariedade mecânica, onde a coesão social se realizava pelos laços tradicionais, para uma solidariedade orgânica, onde os indivíduos interagem pela dependência dos outros em razão da divisão social do trabalho. Durkheim ressalta que esse fenômeno é irrefreável, sendo possível constatá-lo na forma em que a estrutura da sociedade passa a mudar.

[...] esse fenômeno generalizou-se a tal ponto que salta aos olhos de todos. Não há mais ilusão quanto às tendências de nossa indústria moderna; ela vai cada vez mais no sentido dos mecanismos poderosos, dos grandes agrupamentos de forças e capitais e, por conseguinte, da extrema divisão social do trabalho.<sup>10</sup>

---

<sup>6</sup> MOLTSMANN, J. *O espírito da vida*, p. 37.

<sup>7</sup> MOLTSMANN, J. *O espírito da vida*, p. 37.

<sup>8</sup> MOLTSMANN, J. *O espírito da vida*, p. 37.

<sup>9</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 383.

<sup>10</sup> DURKHEIM, E. *Da divisão do trabalho social*, p. 01.

Moltmann aponta para o desenvolvimento de uma sociedade que “se fundamenta na satisfação das necessidades pelo trabalho e, assim, liberta para o ser humano todas suas outras características vitais”.<sup>11</sup> Essa visão é ancorada no pensamento do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 - 1831), onde o indivíduo, dentro de um sistema de necessidades, em que “a particularidade das pessoas compreende antes de tudo em si mesma suas necessidades”<sup>12</sup>, é parte de uma época de conformismo, nivelamento e massificação.

Existe ainda a questão se tudo o que foi libertado das relações de associações abstratas da sociedade moderna e deixado à liberdade do indivíduo não se torna sem função, e, assim deve necessariamente desaparecer, pelo fato de não mais gozar de relevância social. Tais aspectos humanos, uma vez libertados da necessidade social, estão ameaçados de se tornar joguetes do arbítrio e da anarquia de variantes inconsistentes e irrealis de fé e de opinião.<sup>13</sup>

Para Moltmann, os vínculos públicos perderam a força e se tornaram menos compromissivos. Há uma defesa da liberdade individual e do domínio privado, pois são esses os indicadores da cidadania em uma sociedade de consumidores e produtores que privilegia o caráter privado em detrimento ao público. Assim, passa-se a compreender o momento histórico em que se vive a partir da crise estabelecida pela sociedade moderna.

A seguir será abordada essa sociedade moderna e suas consequências no âmbito das relações humanas, sociais e religiosas. Inicia-se na identificação das crises da sociedade moderna, que será o primeiro tópico, em um segundo ponto são analisadas as reações perante a crise, e conclui-se destacando os papéis da religião na modernidade.

## 1.1 CRISES DA SOCIEDADE MODERNA

Moltmann descreve o mundo moderno como megaprojeto da civilização técnico-científica<sup>14</sup> e é a partir dessa concepção que desenvolve sua análise

<sup>11</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 385.

<sup>12</sup> HEGEL, G. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, p. 298

<sup>13</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 386.

<sup>14</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 110.

indicando uma forte crise de identidade<sup>15</sup> da humanidade inserida nessa modernidade. O indivíduo é o próprio ponto de partida para a sua religião, suas reflexões, subjetividade e interiorização o conduzem para um projeto de vida onde apenas a sua salvação, individual e idealista, torna-se a busca e o motivo da religião. Assim, a religião é individual, privada, e está a serviço do autoconhecimento e auto-salvação, não estabelecendo vínculos de relação com as demais pessoas e com as necessidades que emergem das condições sociais desfavoráveis a muitos indivíduos, que a sua teologia não tem mais nem o interesse e nem a capacidade para questionar. Moltmann define a religião, nesse contexto, de religião burguesa<sup>16</sup> que está a serviço da elite cultural e política dominante, e assim condiciona a sociedade a uma acomodação que resulta em uma indiferença à dor e ao sofrimento dos menos favorecidos e vítimas da sociedade moderna.

Olhar para esse outro lado da criação é o convite que Moltmann faz ao analisar o que chama de contradições fundamentais<sup>17</sup> dessa civilização, constituindo um desafio ao cristianismo. Essas contradições são chamadas de crises de ordem econômico-social, nuclear e ecológica. Passa-se a apresentar as três crises apontadas por Moltmann: nuclear, econômica-social e ecológica.

### **1.1.1 Crise nuclear**

Moltmann reconhece que os avanços decorrentes da técnica trouxe progressos em diferentes e variadas áreas, mas também deixou um legado terrível, um sistema de intimidação atômica.<sup>18</sup> Nele as nações desenvolvem políticas governamentais que detêm a posse de programas nucleares e são promovidas a potências mundiais. São assim consideradas porque dominam o mundo sob o risco eminente de uma destruição em massa. Aqui chega-se ao ponto de considerar a possibilidade do fim da vida humana sobre a terra, tamanha a força destruidora de tais armamentos. Há, desta forma, uma realidade comum a todas as culturas e nações, o perigo da destruição atômica.

---

<sup>15</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 109.

<sup>16</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 110.

<sup>17</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 110.

<sup>18</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 113.

O *nuclearism* tem algo de religioso tanto positivamente quanto negativamente porque promete a onipotência e a onidestruição. Nesse sentido o sistema de intimidação atômica é uma “religião encoberta” conquanto aprofunda os temores dos homens ao infinito e explora sem limites suas necessidades de segurança. É a religião do *niilismo*, do determinismo, a blasfêmia perfeita, o apocalipse da humanidade de fabricação própria.<sup>19</sup>

Antes, contudo, de perguntar-se sobre o quanto o medo da morte influencia na sociedade, precisa-se lançar um olhar para qual o sentido que a vida assume perante a história atual. É nesse sentido que Moltmann dirige suas reflexões, partindo da consideração de que uma geração que se acostumou com a morte sem sentido banaliza a vida. De fato a brutalidade exercida durante a Segunda Guerra Mundial, com o extermínio em massa e os campos de concentração, tornou difícil qualquer intenção de justificar a importância da vida e da dignidade humana. No nazismo, o ser humano atingiu um grau de crueldade metódica e eficiente nunca antes visto, não apenas no massacre, mas nas experiências científicas promovidas para o aperfeiçoamento da raça escolhida. Desde as mortes em testes “científicos”, nos campos de concentração e nas batalhas essa geração assistiu a desprezíveis atos inumanos ao ponto de se perguntar como se pôde chegar a esse ponto.

A vida deixou de ter importância para nós, porque foi transformada em algo sem sentido. Deixamos de amar a vida para que a própria morte e a morte das pessoas amadas não continuassem a nos afetar excessivamente. Por meio da coraça psíquica de indiferença queríamos nos tornar intocáveis.<sup>20</sup>

Esse relato de Moltmann, que esteve em campo de batalha<sup>21</sup>, sendo sobrevivente de um bombardeio e prisioneiro de guerra durante três anos, apresenta-se como um retrato de um comportamento de indiferença à vida pela necessidade de defesa. Talvez um soldado exposto à contínua maldade perdesse o discernimento e o juízo sobre a vida e a dignidade humana. A vida exposta dessa forma não tem sentido. Quando depara-se com milhões de jovens mortos pela

<sup>19</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 119.

<sup>20</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 59.

<sup>21</sup> Detalhes em *A fonte da vida*, p. 9.

brutalidade promovida na Segunda Guerra Mundial, questiona-se que a morte seja a “eternização da vida vivida”<sup>22</sup> pois perante a interrupção prematura da vida, muitos não “conseguiram viver, nem tiveram a oportunidade de viver”.<sup>23</sup>

Moltmann alerta para a “Religião da Morte”<sup>24</sup> como sendo um eminente risco à sobrevivência humana. Já é possível perceber em atos terroristas ou nas ideologias dos que praticam tais atos uma total identificação com a morte. A morte aqui é libertadora de um mundo mau, impróprio para a vida, é um recomeçar a partir dos ideais dos vencedores. A grande preocupação existe quando nenhuma força de paz conseguir dissuadir sobre a ideia de um extermínio global por não ser possível convencer da necessidade da vida desejada. Isso ocorre quando a morte não é temida e a conquista pela vitória não é a vida. A morte “se torna uma divindade fascinante e assustadora”<sup>25</sup>, expondo toda a humanidade ao risco de extinção. Esse risco de extinção da vida humana acentua-se ainda mais pelo desenvolvimento de programas nucleares. Segundo Moltmann, quando fora inventada e lançada sobre as cidades japonesas, a bomba atômica não terminou com a Segunda Guerra Mundial, mas decretou a “idade derradeira”<sup>26</sup> a toda a espécie humana.

A idade derradeira é a idade em que o fim da humanidade pode acontecer a qualquer momento. Por meio das possibilidades de uma guerra atômica mundial, a espécie humana se tornou perecível no conjunto. Nenhum ser humano pode sobreviver ao inverno nuclear que se segue a uma grande guerra atômica.<sup>27</sup>

O fato das nações pretenderem se converter em superpotências nucleares e a partir de então ter a “capacidade de ameaçar a todas as demais com a aniquilação total”<sup>28</sup> possibilitou uma corrida nuclear que resultou, não na pretendida “onipotência” das nações, mas na constante neutralização de nações, já que não é apenas de uma nação a tecnologia nuclear. Disso resulta uma configuração de impotência

---

<sup>22</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 145.

<sup>23</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 145.

<sup>24</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 61.

<sup>25</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 61.

<sup>26</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 61.

<sup>27</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 61.

<sup>28</sup> MOLTSMANN, J. *La justicia crea futuro*, p. 38.

das nações já que “o primeiro a disparar seria o segundo a morrer”.<sup>29</sup>

Moltmann define o poder atômico como tendo “um efeito assustador e, ao mesmo tempo, fascinante”<sup>30</sup> para a humanidade. O poder supremo da humanidade sobre a natureza e a própria condição humana é um poder incomensurável de transformação e de finalização. Mesmo não parecendo provável a utilização dessas mesmas bombas, a tensão existente é real e a cada momento a preocupação aumenta, tendo em vista ações cada vez mais extremistas das potências mundiais ou mesmo de grupos de fanáticos. Temos, pois, as condições para o extermínio em massa.

### 1.1.2 Crise econômica e social

Moltmann situa o problema das condições econômico-sociais como sendo uma ameaça à vida e analisa essas questões sob o ponto de vista do contraste entre uma sociedade de consumo e uma sociedade das reais necessidades humanas. Baseia seu pensamento pautando a grande disparidade do abismo social<sup>31</sup> existente entre ricos e pobres, considerando que essa distância de poderio econômico está aumentando e tende a aumentar cada vez mais, majorando as desigualdades e injustiças.<sup>32</sup> Isso não é por acaso, mas é resultado da negligência sociopolítica<sup>33</sup> praticada por países industrializados. O teólogo alemão define que as causas do subdesenvolvimento econômico dos países considerados de Terceiro Mundo estão intimamente ligadas ao fato de que os países de Primeiro Mundo sempre estiveram vivendo à custa dos benefícios trazidos pela dominação exercida aos países menos favorecidos. Assim, o autor relaciona diretamente o enriquecimento e desenvolvimento técnico-industrial dos países de Primeiro Mundo à miséria e subdesenvolvimento dos países de Terceiro Mundo.

---

<sup>29</sup> MOLTSMANN, J. *La justicia crea futuro*, p. 38.

<sup>30</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 115.

<sup>31</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 62.

<sup>32</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 111.

<sup>33</sup> MOLTSMANN, J. *La justicia crea futuro*, p. 13.

A atual contradição entre os povos do Terceiro Mundo em processo de empobrecimento e endividamento e países industriais do Primeiro Mundo em rápido desenvolvimento, o crescente “distanciamento norte-sul”, o montante da dívida em crescimento constante, ou qualquer que seja a descrição, tudo isso não é uma crise passageira da civilização mundial em surgimento, mas um defeito de nascença desta própria civilização.<sup>34</sup>

Essa dominação é exercida não apenas entre os chamados países de Primeiro Mundo em relação aos países de Terceiro Mundo, mas entre “uma pequena e rica elite”<sup>35</sup> que “domina as pessoas empobrecidas, e, inclusive nas democracias do Primeiro Mundo”.<sup>36</sup> Aqui os conceitos de liberdade e igualdade ganham contornos catastróficos, porque de fato conduzem grande parte da humanidade ao sofrimento da carência de bens indispensáveis para a sobrevivência humana. O tão proferido tema da liberdade requer que as pessoas tenham igualdade de condições, o que jamais será possível nessas condições em que é estruturada a sociedade moderna. Assim, a sociedade sofre pela desarmonia e contradições que impedem a justiça social.

Desde a desregulamentação da economia e dos fluxos financeiros promovida pelas grandes economias mundiais, as assimetrias entre liberdade e igualdade se tornaram mortais para muitos cidadãos e muitas cidadãs porque levaram ao depauperamento. Um capitalismo que não pode ser mais controlado politicamente, isto é, pelo povo de uma nação, exerce uma influência hostil à democracia porque destrói o espírito público de uma sociedade.<sup>37</sup>

As causas para esse declínio social são muitas: o medo do fracasso, a ideia de que não existe o suficiente para todos, o fato de cada um ter que cuidar de si mesmo, a competitividade, a falta de solidariedade, a sede de poder, dentre outros. O que está em jogo é o “status” social. O “status” é sempre medido tomando-se por base as condições econômicas dos indivíduos. Classifica-se a sociedade e divide-se a mesma em classes de acordo com o critério meramente financeiro. Não entra aqui o conhecimento cultural, as atividades artísticas, o grau de sociabilidade ou as

---

<sup>34</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 111.

<sup>35</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 62.

<sup>36</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 62.

<sup>37</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 62.

relações humanas. Ora, numa sociedade que se organiza em torno da produção e consumo, a medida é o poder de compra que cada indivíduo possui. Quanto maior a renda maior o poder de compra e maior a participação efetiva nessa sociedade. Assim, o capital é sinônimo de enorme influência, riqueza e prestígio social.

Como compreender essa igreja cristã, que abarca grande parte desses indivíduos que se regozijam com as benesses da sociedade, e igualmente reúne indivíduos que não têm o mínimo para a sobrevivência? Pois para Moltmann, as injustiças sociais, esse estado de dominação e a conseqüente produção de miséria, não diminuem, mas crescem. Assim o teólogo convida para um pergunta extremamente difícil ao se lançar o olhar para o Terceiro Mundo: “Quem é Cristo para nós que tiramos proveito de sua pobreza?”<sup>38</sup>

Moltmann afirma que a “cobiça existencial e essa fome de reconhecimento são os reversos dos medos da morte e da decadência reprimidos”.<sup>39</sup> Assim “vive-se apenas uma vez” e uma das expressões mais ouvidas nos tempos modernos é que “tempo é dinheiro”. Vê-se na expressão latina *carpe diem*<sup>40</sup> o exagero do agora, onde somente o presente imediato é o objetivo ideal de vida. Essa sociedade denota todo seu desinteresse pelo bem comum e pela solidariedade humana.

Moltmann reconhece a importância e a necessidade de teologias que olhem a realidade desde a perspectiva daqueles que sofrem, com os olhos das vítimas<sup>41</sup>, para que a Teologia “não se dissolva numa teoria da religião burguesa, por meio da qual o domínio e os privilégios deste Primeiro Mundo são legitimados”.<sup>42</sup> Isso para que o próprio Cristo não se torne um estranho ao cristianismo. O teólogo alerta para o fato de que a exploração agora se dá também na “nova pobreza das próprias nações de Primeiro Mundo”<sup>43</sup>, assim o desenvolvimento econômico e político de alguns se torna o motivo do declínio de outros.

O teólogo indica, ainda, o desaparecimento do espírito público da sociedade e a conseqüente perda da confiança. Justamente a individualidade, que conduz à perda do sentido de espírito público e de coletividade, aparece como sendo o expoente máximo da liberdade em tempos modernos. Cada um deve requisitar para

---

<sup>38</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 112.

<sup>39</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 63.

<sup>40</sup> Expressão latina que corresponde a aproveitar o momento.

<sup>41</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 113.

<sup>42</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 112.

<sup>43</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 113.

si o que considera importante para a sua vida e felicidade, mesmo que isso signifique se apropriar de algo que não lhe é devido. Mais fácil é o controle de uma sociedade quando cada um age por si, por seus interesses particulares, não se encontra resistência a esse perverso sistema. A pergunta que se impõe e que não se pode responder com eficiência é: “quem controla os controladores?”.<sup>44</sup>

### 1.1.3 Crise ecológica

Moltmann considera uma armadilha a corrida mundial pelo crescimento da economia. Tal crescimento passa a ilusão de um desenvolvimento financeiro melhor para a economia mundial, mas na realidade em nada altera a condição de miséria de muitos povos que vivem à margem do desenvolvimento econômico. O crescimento quantitativo é estipulado como meta por países, e em nada lembra a necessidade de se qualificar a relação humana com o meio ambiente. Já no Clube de Roma<sup>45</sup> havia o alerta para a forte crise ambiental que se estava provocando e o colapso econômico e social no século XXI, mas a perfeita imagem do crescimento e progresso de uma nação eram justamente as chaminés de fábricas expelindo a poluição para a atmosfera. Ocorre que para esse “crescimento” acontecer, são “sacrificadas pessoas, animais, plantas e a terra”.<sup>46</sup>

Uma civilização humana mundial, baseada no crescimento e no consumo, já atingiu esses limites há muito tempo e começa a destruir de modo duradouro as condições de vida desse espaço de vida no organismo da terra. Ano após ano, desaparecem espécies de animais e de plantas; a poluição do ar destrói a camada de ozônio e aquece o clima; as calotas polares derretem; o nível dos mares sobe; os desertos crescem e as tempestades aumentam.<sup>47</sup>

Em nome do consumo e do crescimento econômico, despreza-se sinais visíveis de esgotamento do mundo natural, como as mudanças climáticas decorrentes do aquecimento global que são “mais ameaçadoras do que até agora

---

<sup>44</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 63.

<sup>45</sup> Publicação do relatório “Os limites do crescimento” em 1972.

<sup>46</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 64.

<sup>47</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 64.

fomos capazes de imaginar”.<sup>48</sup> Mesmo com a evidente consequência drástica dessas ações, vive-se, segundo Moltmann, a ilusão de olhar para um espelho e ver a imagem que se gostaria de ver refletida, e assim acredita-se em um mundo de sonhos e não na realidade do esgotamento natural. Para Moltmann, isso significa que “nós não estamos acordados dentro da realidade, mas dormimos sonhando com nossos mundos e desejos”.<sup>49</sup>

É preciso reconhecer o planeta em que se vive como sendo um “espaço vital limitado”<sup>50</sup> e assim estabelecer os “limites do crescimento naturais”<sup>51</sup>, muito embora, em nome da ambição e enriquecimento, deixe-se esse assunto sem ações que efetivamente cumpram com o necessário. Moltmann denuncia que as pessoas estão paralisadas, e “não fazemos o que sabemos”.<sup>52</sup> Mesmo na eminência de pagar um preço muito alto pelas próprias ações com relação a esse espaço vital, parece que as pessoas não estão dispostas a abandonar a ideologia existente e a qual já estão facilmente integradas, para assumir uma postura e uma conduta de mudança com relação às políticas econômicas ou mesmo ao de estilo de vida privado.

A crise ecológica nasce justamente do domínio da humanidade sobre a natureza e das muitas possibilidades de transformação da mesma para o suprimento das necessidades de consumo humano. Segundo Moltmann, os valores dessa sociedade que orientam a Ciência são: “conquista do poder, garantia do poder e busca pelo lucro.”<sup>53</sup> Dessa forma, a natureza é um objeto a ser conquistado e transformado em busca do aperfeiçoamento dos mecanismos de geração de lucros. A natureza não é vista como um “lar”, mas como possibilidade de aumento de poder para subjugar tudo ao domínio do capital. Assim, todo o ecossistema é devastado para atender a voraz necessidade de satisfação e bem estar pela acumulação de bens e capital, desconsiderando a finitude do mecanismo e do próprio sistema.

A pobreza também é outro aspecto a ser levado em conta ao se pensar as questões ambientais. Segundo o teólogo, as precárias condições a que são submetidas as pessoas, danificam ainda mais o meio ambiente e extraem, sem cuidado, uma importante quantidade de recursos que tendem a não ser mais

---

<sup>48</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 104.

<sup>49</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 105.

<sup>50</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 64.

<sup>51</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 64.

<sup>52</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 64.

<sup>53</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 116.

possível a reversão do dano. Juntamente com a pobreza cria-se o problema da superpopulação<sup>54</sup>, onde justamente as pessoas têm menos condições dignas de vida. Contrastando com os países europeus que tendem ao envelhecimento populacional, alguns países de terceiro mundo não oportunizam um controle de natalidade, elevando assim o problema local e causando problemas aos países ricos que já não conseguem mais impedir a entrada de tantos migrantes.

Para Moltmann, a sobrevivência da humanidade está ameaçada e não há como emitir com certeza qualquer garantia de que a vida humana é inerente ou motivo do universo. Este, permanece um mistério e não esclarece, por mais que se descubra sobre ele, qual é o papel da humanidade em sua existência. O teólogo sugere que se de fato existisse um “princípio antrópico”<sup>55</sup> no universo, a humanidade estaria com a perspectiva de segurança frente ao seu futuro. Esse conceito, entretanto, também possui seus limitadores. Moltmann aponta para três perspectivas<sup>56</sup> de desenvolvimento da vida humana: a vida como um produto do acaso; a vida humana como plano do seu Criador, “princípio antrópico forte”; a vida humana como auto-organização da vida, “princípio antrópico fraco”. De qualquer forma, “devido ao que hoje as pessoas estão causando à terra em que vivem, é difícil apresentar argumentos naturais para a sua sobrevivência”.<sup>57</sup>

Essa visão é acentuada por Moltmann ao considerar que “a longo prazo, porém, o maior progresso da civilização moderna na direção uma vez encetada conduz a catástrofes ambientais cada vez maiores e cujo desfecho pode ser somente a morte ecológica universal, a catástrofe do sistema da terra”.<sup>58</sup> Ora, fica entendido que a terra não suportará toda extração e a carga de poluição nela lançada. A solução, contudo, depende de outro modelo de desenvolvimento econômico, o qual a humanidade não está disposta a promover.

## 1.2 REAÇÕES PERANTE A CRISE

Ao olhar para os diversos cenários em que a vida e a existência humana

---

<sup>54</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 65.

<sup>55</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 66.

<sup>56</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 66.

<sup>57</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 67.

<sup>58</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 117.

estão ameaçadas, Moltmann indica os efeitos psíquicos de uma consciência pública que nasce em decorrência dos riscos estabelecidos a partir de ações ou omissões sociais. Esses riscos são acentuados em grande parte, pois nem mesmo são reconhecidos como riscos. Assim, perde-se aquilo que Moltmann define como sendo um “recurso” para reação diante das ameaças: o medo. Ter medo é precaver-se, atentar-se, “aprender a reagir nos mais diversos perigos, no sentido de preservar a vida”.<sup>59</sup> A tarefa humana é compreender como é a resposta a partir das dificuldades expostas acima como ameaças para a sobrevivência. Assim divide-se esse tema em três pontos: torpor psíquico, sociedade do prazer e escapismo romântico.

### 1.2.1 Torpor psíquico

Vive-se uma era onde nunca se soube tanto ou se teve tantas possibilidades de investigação e conhecimento sobre esse mundo, porém, esse saber não é aplicado de forma positiva para a equação das reais necessidades de sobrevivência desse espaço vital e da própria vida humana. Assim, segundo o teólogo, as pessoas deixam de agir na sociedade de modo a promover o bem comum por duas razões: não sabem o que fazer para melhorar as condições de vida dessa geração e das gerações futuras, e vivem na ignorância da observância apenas de rotinas que degeneram as condições de justiça social; ou não agem de acordo com o que sabem. Ao não se fazer o bem que se quer, permite-se que ocorra o mal que não se quer e, portanto, “não são as suas más ações que o acusam, mas as suas omissões”<sup>60</sup> ou pelas suas “inúmeras pequenas omissões”.<sup>61</sup>

Uma desorientação geral se propaga, a situação parece confusa, surge *stress*. Essa situação de *stress* provoca reações antagônicas: Por um lado surgem ataques de pânico, por outro lado, as pessoas afundam na apatia; por um lado, essa situação infunde um alarmismo que vê em cada notícia ruim a chegada do fim do mundo, e em que a opinião pública e os livros pop-apocalípticos têm uma conjuntura favorável; por outro lado, se propaga o fatalismo e as pessoas afundam na frieza social e na insensibilidade sorrateira, chamada de *psychic numbing*.<sup>62</sup>

<sup>59</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 104.

<sup>60</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 38.

<sup>61</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 119.

<sup>62</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 68.

Esse torpor psíquico é uma não-resposta à necessidade humana. A humanidade se desconecta, mental e emocionalmente, de suas experiências. Fica como que anestesiada e assim espera-se uma solução, ao invés de tomar a iniciativa de algum tipo de posição ativa. A apatia e indiferença com o sofrimento e a dor asseguram ao indivíduo a sensação de proteção frente à violência que se apresenta em todas as suas direções. Ao se pensar na ecologia, por exemplo, com raras exceções, coloca-se a questão em uma dimensão apocalíptica que na realidade não contribui muito para a resolução desses problemas. Dá-se um tom de que a solução está ao alcance apenas de grandiosas intervenções e partilha-se coletivamente de uma sensação de impotência e de inevitabilidade da destruição ecológica. A questão é que se apenas ações mirabolantes são capazes de “salvar” a humanidade, as pessoas se veem sem opções ou forças para fazer algo, posicionando-se de uma forma não-participativa e não-ativa na sociedade, desviando a atenção para assuntos mais agradáveis e que possam, de fato, serem “controlados” ou submetidos a sua real capacidade.

### **1.2.2 Sociedade do prazer**

Moltmann destaca a reação da sociedade diante das ameaças de morte universais, em aproveitar desregradamente e aguçadamente o momento presente, como se fosse o único momento possível. É a sociedade do prazer<sup>63</sup> onde todos têm a determinação de gozar a vida, vivê-la com total intensidade, não medindo os custos ou os limites que deverão ser ultrapassados para tanto, a ordem é divertir-se ao extremo, pois “a vida é sem graça e aborrecida”.<sup>64</sup> Assim se dá o “gozo da vida no presente às custas dos descendentes”.<sup>65</sup> De fato, poder-se-ia questionar sobre como estarão vivendo as gerações futuras a partir do que herdarão dessa geração. Além de pensar quais os valores, princípios e moral deixados, é necessário lançar um olhar sobre quais as possibilidades de vida para as gerações futuras e com quais recursos promoverão a vida. Isso porque se está abrindo mão de pensar na vida como um momento na História e passa-se a acreditar que essa vida é a única história. Promove-se um desequilíbrio em relação ao meio e a História, consumindo

---

<sup>63</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 120.

<sup>64</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 120.

<sup>65</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 68.

hoje aquilo que será indispensável para a existência futura.

Outra característica apontada por Moltmann é preferir “viver solteiro e de modo algum se incomodar com crianças”.<sup>66</sup> Essa é uma vida que não gera outra vida pela impossibilidade de se ver além de si. Não requer a responsabilidade e o comprometimento em melhorar as condições de vida com vistas ao futuro, a ter limites, a desenvolver um senso de preservação da vida e a fazer reserva para outros dias, para assim estar preparado para superar dificuldades futuras. Assim, o ser humano é incapaz de ver sentido além de si próprio no mundo. As pessoas enfeitam-se com a própria imagem, “nós nos vemos como gostaríamos de nos ver”.<sup>67</sup> Tudo gira em torno de sua realização e da satisfação imediata de suas necessidades que são dissociadas das outras pessoas.

Se, de fato a tônica dessa sociedade é a supressão da dor por meio da busca pela satisfação imediata e irresponsável de suas necessidades egoísticas, proclama-se o prazer como fim supremo da vida. Assim se reduz ao nada, não havendo qualquer sentido ou utilidade na existência humana. Comete-se o pecado da desesperança. Moltmann mostra que se para a “fé ser viva, depende da esperança, [...] o pecado da descrença [...] é sustentado pela desesperança”.<sup>68</sup> Da desesperança “provêm o abatimento e a frustração que contaminam tudo o que é vivo com os germes de um doce apodrecimento”.<sup>69</sup> “É a angústia da pouca fé que leva a capitulação diante do poder do mal.”<sup>70</sup> É a vida que não encontra sentido em si e nem nos outros, vida sem ideal, sem perspectivas para o futuro que o arranquem da condição de solidão e angústia de estar no mundo. É a vida sem energia, essa força que atua no sentido de promover o ser humano em sua dignidade plena. É a “falta de esperança, a resignação, a indolência e a tristeza”<sup>71</sup>, forças que controlam e arrastam as pessoas a procurarem o prazer e evitar a dor.

### 1.2.3 Escapismo romântico

Outra forma de reagir à realidade é o denominado escapismo: uma não

---

<sup>66</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 68.

<sup>67</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 105.

<sup>68</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 37.

<sup>69</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 37.

<sup>70</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 118.

<sup>71</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 37.

reação diante da vida das ameaças sofridas. Essa postura de encolhimento e de inoperância diante das ameaças confere-lhe a esperança de não ser atingida ou de não sentir os seus efeitos. As pessoas são atingidas por um sono que as retira da obrigatoriedade da ação, “diante do insuportável”<sup>72</sup> passando-se “à total insensibilidade”.<sup>73</sup> A realidade vivida não é a mesma idealizada, então desconsidera-se a realidade que as frustra, criando uma distração mental que as alivie das obrigações ou realidades desagradáveis.

A pessoa se resigna, fica apática, indiferente a tudo, não ama mais a vida, a morte também não a toca mais; ela perde o interesse; antecipa psicologicamente a morte, não a sentindo mais fisicamente quando chega. Também com uma mentalidade destas não nos opomos mais às ameaças, mas capitulamos diante delas e assim as provocamos.<sup>74</sup>

Um das formas mais evidentes desse escapismo é justamente a indiferença dos indivíduos em relação a sua própria vida e às dificuldades que assombram de maneira cruel a civilização humana. Esquivam-se com total naturalidade da dor, angústia e sofrimento alheio, não reconhecendo o mal que se faz quando não se age para a promoção do bem. A miséria e violência urbana são exemplos de como são todos partícipes da sociedade. O fato de desconsiderar ou de não se importar com a violência que cresce assustadoramente nos grandes centros urbanos não oferece salvaguarda e não preserva das consequências terríveis dessa mazela. Mesmo assim a humanidade parece encontrar proteção na ignorância das injustiças sociais que potencializam a capacidade de recriar o mal. Mesmo diante das tragédias humanas mais terríveis o indivíduo permanece tranquilo não demonstrando preocupação ou consideração pelos sentimentos alheios. Sua resposta apática não permite qualquer reação com vistas à superação das dificuldades em que a vida é submetida. Essa condição letárgica diante de uma perspectiva de reação coletiva à injustiça social é um problema perceptível pela segregação social existente. Depara-se frequentemente com a imagem de condomínios fechados como respostas à violência: cria-se um mundo próprio onde

<sup>72</sup> MOLTMANN, J. *No fim, o início*, p. 103.

<sup>73</sup> MOLTMANN, J. *No fim, o início*, p. 103.

<sup>74</sup> MOLTMANN, J. *Ética da esperança*, p. 68.

somente pessoas autorizadas podem transitar e dividir os mesmos espaços. Essa tentativa de escolher os indivíduos para se relacionar coloca as pessoas em condições diferenciadas dentro de uma sociedade: o outro é assustador, enquanto privilegia-se alguns eleitos para o próprio convívio.

Seguindo na análise sobre o escapismo, Moltmann trata da questão religiosa que “se revela particularmente na propagação atual de uma religiosidade redentora gnóstica”.<sup>75</sup> Nessa perspectiva, a terra ou mesmo o corpo é apontado apenas como um lugar de passagem, de onde se prepara para a verdadeira morada.

Assim, terra e corpo não representam nada mais que uma “hospedaria” não necessitando de cuidados para além do objetivo mínimo de manter por algum tempo a alma aprisionada e sedenta por libertação, já que são características do mundo, o “pecado, morte e transitoriedade”.<sup>76</sup> Esse dualismo em relação ao espírito e à matéria, onde a matéria é essencialmente perversa, não proporciona uma ética de cuidado com a vida humana em sua totalidade e integralidade.

A “vida verdadeira” vista como existente apenas no reino espiritual permite uma relação de indiferença e apatia social que em nada contribui para a busca de justiça e paz na sociedade.

Se as pessoas desfrutam o presente ou se refugiam no além porque não podem ou não querem resistir às ameaças, elas destroem o amor à vida e atuam a serviço do terror e da destruição da terra. A própria vida está hoje em perigo extremo, porque de uma ou de outra forma não é mais amada, mas está entregue aos poderes da destruição.<sup>77</sup>

Como visto, a vida está em perigo e aumenta o risco de morte. Mas o que isso significa quando não se teme a morte e não se ama a vida? O ser humano colabora para a destruição da vida quando não se sente ameaçado pelos riscos eminentes de aniquilamento, ou quando ameaçado, foge das responsabilidades buscando na crença mais fácil e mais amena um refúgio seguro.

---

<sup>75</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 69.

<sup>76</sup> MOLTSMANN, J. *Ciência e sabedoria*, p. 106.

<sup>77</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 69.

### 1.3 PAPÉIS DA RELIGIÃO NA MODERNIDADE

Moltmann aponta que no contexto da modernidade a religião cristã deixou de ter caráter de *cultus publicus* e passou, contrariamente ao seu desenvolvimento milenar e a àspiração neotestamentária, ao *cultus privatus*. A religião “tornou-se ocupação privada e livre”<sup>78</sup> uma vez que a integração da sociedade moderna não se dá mais pelos valores do culto do absoluto, mas sim pelo sistema de necessidades.

Para Moltmann a “religião tornou-se a religiosidade do indivíduo, coisa particular, relegada à intimidade subjetiva, à edificação do indivíduo”.<sup>79</sup> Assim “o Cristo crucificado tornou-se um estranho na religião burguesa do primeiro mundo e em seu cristianismo”<sup>80</sup>, a religião deixou de “representar o supremo ideal”<sup>81</sup> e passou a assumir outros papéis perante a sociedade. Esses novos papéis serão apresentados nos itens: religião como culto à nova subjetividade, religião como culto à solidariedade humana e religião como culto à instituição.

#### 1.3.1 Religião como culto à nova subjetividade

O primeiro e principal papel que Moltmann define para a religião é como culto à nova subjetividade. A sociedade moderna, como define o sociólogo alemão Max Weber, é fruto de um longo processo de racionalização que determinou em uma perda de sentido. O aumento da racionalidade e da cientificidade não conduziram a uma forma superior de relação humana, mas desencantam o mundo. Segundo Weber, a sociedade moderna coloca a ciência no lugar da religião como forma superior de pensamento, porém, não dá as respostas que orientam a vida humana. Não pode substituir o sentido dado à realidade que a religião confere.

---

<sup>78</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 387.

<sup>79</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 387.

<sup>80</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 113.

<sup>81</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 387.

A intelectualização e a racionalização (...) significam que sabemos ou acreditamos que, a qualquer instante, poderíamos, bastando que o quiséssemos, provar que não existe, em princípio, nenhum poder misterioso e imprevisível que interfira com o curso de nossa vida; em uma palavra que podemos dominar tudo, por meio da previsão. Equivale isso a despojar de magia o mundo. (...) esse processo de desencantamento, realizado ao longo dos milênios da civilização ocidental e, em termos gerais, esse “progresso” do qual participa a ciência, como elemento e motor, tem significação que ultrapasse essa pura prática e essa pura técnica?<sup>82</sup>

Para Weber, muito embora a humanidade tenha se libertado da opressão das forças divinas e naturais, encontra-se agora privada de sua liberdade pela sua própria criação. Assim o racionalismo cria um sistema onde ele próprio é sua finalidade última. A consequência é a edificação de uma estrutura de pensamento onde não se pergunta o “porquê”, mas sim o “como” e as respostas aceitáveis são as que podem ser submetidas ao julgamento racional. Para Weber o “desencantamento do mundo levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais sublimes”.<sup>83</sup> A liberdade em relação a uma moral social proveniente de uma moral religiosa torna-se objeto não significante, na medida em que o próprio sistema de necessidades materiais, cada vez mais complexo, determina uma nova condição de dependência do indivíduo em relação à produção e consumo de bens. É, segundo Moltmann, a moderna sociedade emancipada de suas necessidades religiosas, que cultua a liberdade individual e a dissociação com a atividade social. A liberdade, bem mais desejada pela sociedade capitalista, é o direito fundamental do mundo moderno burguês, onde assume uma função da propriedade. Então “cada um é livre em si mesmo e ninguém toma parte em outros”.<sup>84</sup> Forma-se, portanto, uma sociedade de indivíduos solitários sem relações que importem aos outros.

Moltmann ressalta que a religião dentro desse contexto é entregue à metafísica da subjetividade e assim o indivíduo tem em si próprio a meta do seguimento religioso. A fé, nessa conjuntura, é uma possibilidade de encontro com o seu íntimo e uma relação que termina em seu próprio ser. É individual a busca pela salvação e independe da sociedade em que está vivendo.

---

<sup>82</sup> WEBER, M. *Ciência e política: Duas Vocações*, p. 30.

<sup>83</sup> WEBER, M. *Ciência e política: Duas Vocações*, p. 51.

<sup>84</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 191.

Essa teologia localiza a fé na subjetividade e espontaneidade do ser humano, que não é objetivístico, nem calculável, nem atingível pelas relações sociais. Localiza a fé nas realidades éticas do ser humano, determinadas pelas decisões e pelas situações do mesmo ser humano, e não no padrão de comportamento social, nem nas leis racionais próprias das relações sociais dentro das quais vive.<sup>85</sup>

Para o indivíduo, o mundo é algo externo e independe de sua ação ou interação. É o mundo secularizado do qual o indivíduo não se relaciona e nem participa de sua construção. A sua concepção de fé transcende a qualquer instituição ou necessidade de comprovação ou racionalização. A autocompreensão é o fundamento principal, já que Deus é um ser para si, e a meta é a autotransformação no encontro com esse Deus. Segundo Moltmann, “isso coloca o ser humano num total isolamento”<sup>86</sup> em relação aos outros indivíduos e da própria sociedade. A ética, aponta Moltmann, não se trata de ética cristã, e sim de uma ética incapaz de orientar o sujeito para um compromisso social, ocorrendo uma fuga da sua responsabilidade pela promoção da justiça e paz social. Essa perspectiva de coletividade inexistente na compreensão de salvação do indivíduo. Se o fazer o bem for apontado como obrigação moral, ele está em razão de si, e de suas necessidades de cumprimento moral, e não em relação ao outro e sua necessidade. Assim, o aprofundamento da subjetividade pela reflexão continuada, para Moltmann, não passa de “escapismo romântico” não contribuindo para o acolhimento e consequente transformação da realidade social.

Tal fé é literalmente irrelevante para a realidade social, porque se encontra na terra de ninguém social dos desempenhos individuais, isto é, em um lugar que a sociedade objetivada simplesmente deixou livre para a individualidade.<sup>87</sup>

Essa fé exprime tão somente a “auto-experiência existencial do indivíduo”<sup>88</sup> não considerando que as relações sociais desse indivíduo são determinantes para a construção de suas experiências. A religião não pode assumir um caráter pessoal e

---

<sup>85</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 390.

<sup>86</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 391.

<sup>87</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 393.

<sup>88</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 109.

particular, pois assim não aponta para as reais necessidades da sociedade, onde muitos vivem à margem da dignidade pela inoperância e inatividade dos que poderiam assumir um papel de auxiliador. Essa teologia desvinculada do próximo “está a serviço das classes cultas e dominantes dessa sociedade, não porém, das vítimas da sociedade moderna”.<sup>89</sup>

### 1.3.2 Religião como culto à solidariedade humana

O segundo papel atribuído por Moltmann para a religião que é esperado pela sociedade é como culto à solidariedade humana. Busca-se uma coletividade, mas essa é projetada como uma comunidade idealizada que não se relaciona com um contexto mais amplo, sem uma total interação com a realidade que vive a sociedade. Para o autor, a sociedade moderna não está a caminho de uma totalização, mas de uma particularização das relações.

É [...] a época dos pequenos grupos especiais, das relações de confiança em pequenos círculos. Às superestruturas e macroestruturas da economia correspondem as microestruturas dos *informal groups*, dos grupos espontâneos, das associações, ligas, etc.<sup>90</sup>

Inicialmente é necessário conceituar e diferenciar sociedade e comunidade. A sociedade aqui é representada como a sociedade moderna pós-revolução industrial, ancorada em fundamentos funcionais e racionais que determinam uma forma de viver desinteressada nas causas comuns e altruístas. É a imagem oposta das primeiras comunidades cristãs, é a sociedade onde impera a concorrência e a desigualdade nas relações onde “nunca há o suficiente para todos”.<sup>91</sup> Há o excesso e a escassez, riqueza e miséria, há uma constante luta de forças opostas para a sobrevivência. De modo algum se promove a justiça e o equilíbrio social, resultando em “um mundo de frieza social”<sup>92</sup> onde “cada um é, ele mesmo, o próximo”.<sup>93</sup>

<sup>89</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 110.

<sup>90</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 397.

<sup>91</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 189.

<sup>92</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 189.

<sup>93</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 189.

Já na comunidade, tem o pleno desenvolvimento da solidariedade e o sentido de superação conjunta das carências humanas. Moltmann, com base no protótipo evangélico de comunidade, aponta três características que norteiam a compreensão de comunidade: o desejo comum pela vida; a superação das diferenças e separações pela fé; os bens sendo postos para todos em comum. Esse ideal de comunidade é possível em qualquer tempo, pela solidariedade. Pessoas em ativa relação e mútua colaboração em busca do bem comum perfazem o ideal de comunidade. A religião oferece-se para ser uma experiência de comunidade dentro de um mundo secularizado, onde o indivíduo refugia-se em busca de “calor e proximidade humana, vizinhança e ambiente de lar”.<sup>94</sup> Aqui a ideia de comunidade é como uma ilha de relações entre indivíduos “extra sociedade”. Porém essa ideia de comunidade não possui força de transformação da sociedade, é estabelecida no contexto da igreja e não repercute em todas as relações sociais.

Muito embora Moltmann considere positiva a existência das comunidades no âmbito da igreja, por ser uma forma de contrapor e “proporcionar um certo equilíbrio para as forças de destruição”<sup>95</sup>, ele afirma não ser suficiente para a transformação positiva da realidade. Assim, a comunidade “simplesmente, se oferece a compensação dialética e a descarga psíquica, de modo que o ser humano, pelo intercâmbio da vida privada e pública, da comunidade e sociedade, possa hoje suportar sua existência pública”.<sup>96</sup>

### 1.3.3 Religião como culto à instituição

O último papel esperado da Igreja, Moltmann define como culto à instituição. Nele a Igreja é favorecida pela cultura moderna, que após as transformações decorrentes do processo de industrialização, procura estabilizar-se e estabelecer espaços de segurança para os indivíduos. As instituições assumem a condição de indicadores seguros do modo de pensar e agir, livrando o indivíduo da pressão promovida pela sua liberdade de escolha, de suas ideologias e padrões comportamentais. Assim, o indivíduo estabelece uma relação com a instituição e ela, por meio de regras rígidas e determinações comportamentais e morais, lhe garante

---

<sup>94</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 398.

<sup>95</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 399.

<sup>96</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 399.

uma relação pública de modo a promover uma sensação de segurança frente a todas as ameaças da sociedade moderna. Moltmann alerta para o fato dessa institucionalização da fé produzir uma “suspensão da busca do sentido da existência”<sup>97</sup> e o “desaparecimento das ideologias”.<sup>98</sup> A religião acaba por se tornar apenas uma ideologia e cosmovisão, não havendo uma negativa do lugar que ocupa pela falta da crítica interna ou pela irrelevância da discussão pública.

Assim, a teologia cristã está em condições de, por meio de um neodogmatismo, afirmar verdades que não podem ser provadas nem refutadas pela realidade experimentável, e que, por isso, dificilmente podem ainda ter o caráter de obrigatoriedade para o ser humano moderno. Este está pronto a delegar a problemática da própria decisão de fé à instituição, à igreja, deixando as questões de pormenor aos teólogos especialistas.<sup>99</sup>

Para Moltmann, se por um lado a institucionalização da religião dá segurança ao indivíduo frente às adversidades, as incompreensões e as dúvidas da sociedade moderna, por outro, o cristianismo está “preso ao meio social”<sup>100</sup>, que não transforma, não revitaliza e não propõe ao indivíduo uma ação com vistas a superar as mazelas inerentes a sua sociedade, evidenciando, assim, sua “ineficiência social”. Desse modo, o cristianismo deixa de “converter” a sociedade e passa a ser transformado naquilo que a sociedade determina.

Esses papéis assumidos pela religião, pela Igreja e pela fé, para Moltmann, originam-se no decurso da História e são consequências das evidências sociais, ou seja, a evidência teológica está sempre em razão da evidência social. O modo de ser da sociedade condiciona o modo de ser da religião. Por essa lógica a sociedade determina como o cristianismo se movimenta e quais os papéis que pode ou deve assumir perante a sociedade. Moltmann aponta esses papéis como sendo um impeditivo para se caminhar conforme a vontade de Cristo, e os assinala como um novo “cativeiro babilônico”<sup>101</sup>, o qual escraviza e aprisiona o cristianismo na sociedade industrial.

---

<sup>97</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 401.

<sup>98</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 401.

<sup>99</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 402.

<sup>100</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 402.

<sup>101</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 403.

## 2 HERMENÊUTICAS TEOLÓGICAS

O esforço da antropologia moderna em aferir à humanidade um caráter dominador sobre as outras espécies de vida terrestre promoveu uma concepção da vida humana hostil à natureza e, assim, caracterizou o ser humano como sendo o oposto ao mundo natural. Nesse sentido, a humanidade assume não só um caráter de dominação perante o espaço vital, mas possui a legitimidade para a utilização de todos os recursos disponíveis para a satisfação de suas necessidades de crescimento material. A vida humana é desconectada do mundo que a cerca, tendo uma relação de exclusão com as outras espécies subjugadas ao seu capricho.

O animal está ligado ao ambiente, o ser humano é aberto ao mundo; o animal é privado de espírito, o ser humano é um ser espiritual; o animal não possui alma, o ser humano possui alma. Por detrás disso se encontram as grandes divisões para legitimar o domínio humano na era industrial-burguesa: sujeito-objeto, história-natureza, espírito-matéria, necessidade-liberdade, cultura-natureza.

Em oposição a esse pensamento, a referência para pensar a vida deve ser o próprio Cristo, ou a vida manifestada nele. Na Bíblia, a vida humana é associada a “todos os seres vivos da terra”.<sup>102</sup> Essa visão contrasta com o antropocentrismo da sociedade ocidental. No entanto, para Moltmann, “no centro da terra está não o ser humano, mas a vida”.<sup>103</sup> A compreensão é de que o ser humano “é uma criatura de Deus, como são também as demais criaturas”.<sup>104</sup> Não se nega ao ser humano a condição de ser especial perante Deus, porém, quanto mais o ser humano interage com a criação de modo a respeitar a obra do criador, mais digno este ser é de ser imagem de Deus.

Segundo Moltmann, não se vive apenas uma crise ecológica, porque a deteriorização do ambiente em que se vive é uma força contínua que denota mais de que a falta de cuidado com a natureza, mas demonstra claramente o adoecimento psíquico da humanidade com relação a seus interesses e valores norteadores de suas práticas.

---

<sup>102</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 80.

<sup>103</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 80.

<sup>104</sup> MOLTSMANN, J. *El Hombre: Antropología Cristiana em los conflictos del presente*, p. 147.

É a vontade ilimitada de dominação que impulsionou e continua a impulsionar o homem moderno a controlar a natureza da terra. Primeiro, as civilizações ocidentais modernas são programadas unilateralmente para o crescimento, a expansão e conquista. A obtenção do poder e a garantia do poder são os valores básicos que valem na prática e que regulam tudo em nossa sociedade.<sup>105</sup>

Submeter a natureza à vontade humana é, quem sabe, um dos maiores perigos para a sobrevivência da humanidade. Isso porque a vontade humana, permeada pela necessidade de dominação, poder e ganância, não é boa balizadora ou norteadora para as ações que visem o cuidado da natureza. Porém, a ideia da natureza submissa à humanidade se consolidou por influência da religião ou ateísmo moderno, mas principalmente pela revolução técnico-científica. A ciência moderna instrumentalizou a natureza de modo que pudesse exercer total soberania e domínio sobre o meio natural. Quanto mais se caminhou para essa direção, mais se distanciou o ser humano de uma relação harmoniosa com a natureza, a ponto do ser humano negar a sua natureza ou ver o mundo natural como algo completamente diferente e estranho a ele.

A dominação exercida pelo ser humano em relação à natureza em que vive não encontra legitimação a não ser na sua própria cobiça de poder que submete a natureza e a própria humanidade aos caprichos do mais forte. Ocorre que a própria religião ocidental, segundo Moltmann, colaborou para a concepção de um modelo de dominação. Deus é visto como o todo-poderoso e a onipotência, considerada seu principal atributo. Deus é o soberano do mundo, e este, é submisso a Deus. Essa relação permite que Deus, o Senhor, possa fazer o que quiser com o mundo por Ele criado, que é, portanto, numa relação de submissão “o objeto passivo do seu domínio”.<sup>106</sup> À medida que as transformações ocorrem na época moderna, há uma substituição de Deus pelo ser humano no centro das relações com o mundo, que passa a ser lugar da humanidade e não mais de Deus. Assim, a humanidade se auto transmite o senhorio do mundo e passa a dominá-lo e a submetê-lo como seu subordinado e provedor de suas necessidades. A partir disso, o ser humano não se percebe mais como “membro da comunidade da criação, mas se contrapõe a ela

---

<sup>105</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 86.

<sup>106</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 86.

como senhor e proprietário”.<sup>107</sup>

Para Moltmann, Deus trindade não exerce sua soberania através da dominação e poder, mas pelo amor, que é “a essência da soberania divina”.<sup>108</sup> A própria condição de trindade determina uma relação, comunhão e comunidade de interações. Assim, a imagem de Deus deixa de ser o ser humano isolado, mas a “verdadeira comunidade humana”.<sup>109</sup> A humanidade se relaciona com Deus, à medida em que forma uma comunidade. Na oração do Pai Nosso, as palavras “...assim como nós perdoamos” exprimem a necessidade da relação humana como medida para a relação divina. Da mesma forma que se perdoa, sé é perdoado; da mesma forma que se ama, se é amado; da mesma forma que se interage com a comunidade humana, interage-se com a comunidade divina.

Assim, se o “Espírito de Deus é derramado sobre toda a criação, o espírito divino provoca unidade e a comunhão de todas as criaturas umas com as outras e com Deus”.<sup>110</sup> Tem-se, para Moltmann, uma visão de mundo baseada na reciprocidade entre cultura e natureza, como superação da relação de dominação e destruição da natureza e do próprio ser humano. A própria preservação ou o “ato de preservar a criação do aniquilamento é um ato de esperança por seu futuro”.<sup>111</sup>

Neste capítulo aborda-se as hermenêuticas teológicas propostas por Moltmann para uma melhor compreensão do sentido da criação, a relação da natureza com a vida humana e com a salvação de todas as coisas. Inicialmente é exposta a hermenêutica teológica da vida, a seguir passa-se pela hermenêutica teológica da natureza, e, por fim, conclui-se o capítulo discorrendo sobre a hermenêutica da salvação.

## 2.1 HERMENÊUTICA TEOLÓGICA DA VIDA

Em face da dificuldade de delimitar o conceito, Moltmann parte da ideia de “estabelecer alguns limites de negação da vida”.<sup>112</sup> É mais fácil, do ponto de vista conceitual, dizer o que não é vida. Porém, essa indicação também encontra

---

<sup>107</sup> MOLTSMANN, J. *Dios en la creacion: Verdad e imagen*, p. 40.

<sup>108</sup> MOLTSMANN, J. *Trindade e Reino de Deus: Uma contribuição para a teologia*, p. 45.

<sup>109</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 87.

<sup>110</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 87.

<sup>111</sup> MOLTSMANN, J. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a Teologia da Vida*, p. 122.

<sup>112</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 78.

problemas para ser uma definição precisa, em razão de que a vida ultrapassa o campo meramente biológico e se relaciona com as áreas social, política, filosófica e teológica.

Moltmann assegura que “vida humana não é idêntica à humanidade da vida”<sup>113</sup>, ou seja, nem todo ser humano age como humano. A partir disso assinala fatores transmissores de humanidade para a vida humana. Serão esses fatores que serão abordados e detalhados nessa hermenêutica teológica da vida, organizados a seguir com os seguintes tópicos: afirmação da vida, aceitação da vida / participação e interesse e, finalizando, aspiração à plenificação.

### 2.1.1 Afirmação da vida

A humanidade da vida a partir da afirmação da vida é uma forma de contrapor a negação e rejeição da vida. Uma atmosfera de afirmação desde o útero materno possibilita o desenvolvimento integral do ser humano, o crescimento sadio, psíquico e corporal. Para Moltmann, a vida humana deve ser afirmada, pois também há a possibilidade de sua negação. Nega-se a vida a outras pessoas e a si mesmo. Quando se priva a vida a outras pessoas cassa-lhes seus direitos e as conduz à morte. Quando a pessoa nega a própria vida, torna-se agente e promotor de violência para com os outros e conduz a matar e a morrer pela própria injustiça. Qualquer negação da vida traz a consequência negativa para si e para outros, “ficam expostas a morte prematura”.<sup>114</sup>

A vida é afirmada “não para si mesmo e nem para o céu, mas para a comunidade da vida e para esta terra”<sup>115</sup>. Assim, a vida constitui o desejo de Deus, a expressão de seu amor, o desígnio daquele que é a própria vida e autodoação.

---

<sup>113</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 80.

<sup>114</sup> MOLTSMANN, J. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*, p. 122.

<sup>115</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 76.

A determinação da vida humana à vida eterna é a afirmação evidente e incondicional da vida humana pelo Deus vivo. Se o próprio Deus se torna ser humano e em Cristo manifesta a vida eterna entre as pessoas mortais desta terra, então o gênero humano é querido por Deus e todo ser humano individual pode estar seguro de sua existência. Ele e ela são desejados e queridos e são esperados. A criação do ser humano é a comunidade criadora na terra, a encarnação da palavra eterna entre nós e o derramamento do Espírito criador da vida sobre “toda carne” afirmam a existência humana na comunidade de todos os seres vivos no espaço vital da terra.<sup>116</sup>

A vida é, portanto, um direito humano incomensurável que não pode ser, de forma alguma, violado, pois “toda vida carrega em si a centelha da vida eterna”.<sup>117</sup> Por esse motivo a vida não tem um fim em si própria, ela transcende a expectativa humana e se realiza apenas no mistério divino. Apesar da insistência em depositar o sentido da existência na expressão de que a “vida deve ser desfrutada” ou ainda que no chamamento hedonista de “proveite enquanto puder”, a vida humana relaciona-se com a divina pela graça do criador e somente ali encontra um sentido. Essa comunhão, que ficou abalada pelo pecado, que rompe o relacionamento com Deus e traz o mal para as relações humanas, segundo Moltmann, é restaurada pela justiça de Deus. A justiça divina permite que a humanidade, que pratica o mal para si e para os outros, se torne novamente digna de restabelecer uma relação de amor com o criador. Em Paulo, a doutrina da justificação imputa a salvação do mal. Pela graça e pela fé “vítimas e autores são justificados”.<sup>118</sup> Assim, a justiça arrogada por Deus não é a justiça esperada pela humanidade com base no próprio modo de agir da humanidade, das violentas e punitivas expectativas humanas, mas a justiça que tem “o sentido positivo de soerguer e endireitar, vivificar e curar”.<sup>119</sup>

A afirmação da vida pressupõe a necessária negação daquilo que ameaça a vida. Implica em uma postura de denúncia e contrariedade em relação ao mal que traz a dor, sofrimento, violência e todo tipo de injustiças às relações e à vida humana. É a justiça humana que deve também agir com vistas ao “reconhecimento da dignidade humana dos outros, assim também criar e proteger o direito dos pobres, dos fracos e dos enfermos é o fundamento de toda ordem jurídica humana duradoura”<sup>120</sup>.

<sup>116</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 76.

<sup>117</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 77.

<sup>118</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 77.

<sup>119</sup> MOLTSMANN, J. *O futuro da criação*, p. 33.

<sup>120</sup> MOLTSMANN, J. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*, p. 138.

### 2.1.2 Aceitação da vida, participação e interesse

É humanidade da vida a partir da aceitação da vida, que permite que a vida humana seja “vivenciada e vivida”. Para o teólogo, “onde a vida não pode ser aceita, amada e vivenciada, não temos mais nada a ver com a vida humana”.<sup>121</sup> A questão da aceitação se relaciona com a autoestima e a produção de enriquecimento psíquico/corporal a partir da autoconfiança e motivação. Do ponto de vista de Moltmann, a vida, para ser vida humana, deve ser diferenciada da sobrevivência estendida ou do adiamento da morte, pois “as pessoas podem se manter em vida sem que sintam alguma coisa dela”.<sup>122</sup> De fato, na sociedade moderna vive-se uma relação evidente de constantes sofrimentos que se originam da baixa autoestima da população. Sentimentos como o abandono, rejeição, carência, frustração, vergonha, insegurança e medo, apenas para citar alguns, são condicionadores de uma vida não digna e fatores determinantes para o isolamento comunitário e social. Da aceitação da vida depende o desenvolvimento emocional e também físico do ser humano.

Somente a aceitação e a estima positivas ativam o sistema motivacional no corpo e na alma. Se uma criança experimenta a rejeição de sua existência, adocece e definha em seu interior. Se um adulto experimenta a rejeição e o desprezo, se retira, fica na defensiva ou começa a desprezar a si mesmo, e perde sua vitalidade. Não desenvolverá a autoconfiança se não experimentar a confiança.<sup>123</sup>

A não aceitação da vida traz para o indivíduo uma visão negativa da vida e do mundo, a partir de uma visão negativa de si. Assim, “se uma vida não puder mais ser vivida humanamente, ela enrijecer-se-á. Isso se chamava antigamente de “morte da alma”.<sup>124</sup> Portanto, vida humana está relacionada com a aceitação e a participação nessa mesma vida. Caso contrário instaura-se uma forma triste de viver, que Moltmann caracteriza como “uma gélida apatia”.<sup>125</sup> A apatia é uma

<sup>121</sup> MOLTSMANN, J. *Ciência e sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia*, p. 180.

<sup>122</sup> MOLTSMANN, J. *Ciência e sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia*, p. 180.

<sup>123</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 80.

<sup>124</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 81.

<sup>125</sup> MOLTSMANN, J. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a Teologia da Vida*, p. 28

enfermidade que assola a humanidade, tornando a vida sem emoção, entusiasmo ou motivação. A pessoa apática torna-se indiferente ao mundo, à dor e ao sofrimento de seu semelhante. Não responde a estímulos e parece que nada lhe chama a atenção ou lhe motiva a agir. É aquele que observa a dura realidade social em que vive sem perceber a sua responsabilidade ou possibilidade de lutar contra as injustiças que se erguem ao seu lado. A pobreza não o sensibiliza, a violência não muda sua indiferença, não se interessa pela política, não participa dos debates sociais, não se interessa pelas decisões tomadas, considera que nada está ao alcance de suas mãos. Não deseja nada além de sua invisibilidade social. Para Moltmann, as pessoas “escapam a muitos conflitos, mas também pouco experimentam da vida. E experimentam menos ainda a respeito de si próprios. Permanecem a si próprios como anônimos”.<sup>126</sup>

É, pois, a apatia “uma couraça que nos sufoca”<sup>127</sup>, e a participação e interesse pela vida é uma saída para a “doença” da apatia. O ser humano não nasce para ser sozinho, suas relações com outros seres humanos, sua participação na sociedade permite-lhe uma conduta ativa e interessada pela vida. O ser humano é, sobretudo, um “ser social” e relaciona-se melhor consigo à medida em que também se relaciona com os outros seres humanos e com a natureza.

### 2.1.3 Aspiração à plenificação

A humanidade da vida como aspiração à plenificação é o potencial da vida humana que “deve ser realizado de uma maneira que possa afirmá-la completamente e estar satisfeito”,<sup>128</sup> É a inquietude e a busca pela felicidade que encontra dois caminhos que estão correlacionados entre si: uma vida plena de sentido “pela participação na responsabilidade humana pelo mundo ou pela auto-realização”<sup>129</sup>. Para Moltmann, no evangelho de João o “Deus eterno tem a plenitude da vida em si mesmo e, por conseguinte, é chamado corretamente de Deus vivo”.<sup>130</sup> Assim também Jesus é possuidor da mesma vida e, pela sua encarnação, torna-se vida para todo o mundo e, pela sua ressurreição, a vida adquire o significado de

<sup>126</sup> MOLTSMANN, J. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*, p. 180.

<sup>127</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início: Breve tratado sobre a esperança*, p. 105.

<sup>128</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 81.

<sup>129</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 75.

<sup>130</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 73.

eterno.

É a plenitude da vida, a vida inteiramente plenificada de vitalidade. É uma vida que, por causa do Cristo ressurreto e presente na atualidade de Deus, está livre do terror, da morte e do medo. É uma vida inteiramente humana que participa inteiramente na vida divina. É uma vida humana em que Deus habita e que, por sua vez, habita em Deus.<sup>131</sup>

A crença na vida eterna permite auferir um sentido para a existência, no entanto, o que significa dizer que a vida é eterna? Moltmann responde a essa questão partindo da concepção de que a vida eterna, conforme expectativa testamentária, não se refere à quantidade, mas à qualidade que terá essa vida. A vida eterna não é apenas o prolongamento da existência presente, nem “a ausência de fim”<sup>132</sup>, mas uma nova realidade plenificada por Deus. A concepção de Moltmann difere de Platão no que tange ao entendimento de eternidade. Para Platão “experimentamos o tempo, como uma sequência dinâmica de momentos fugazes e irreversíveis da vida”.<sup>133</sup> O tempo assim é visto como “transitório e a transitoriedade é o tempo da morte”.<sup>134</sup> Esse é o tempo *chronos*, irmão da morte, *thanatos*, é a “eternidade análoga, relativa, participativa de sua imagem na terra”.<sup>135</sup> Assim sendo, a eternidade passa a ser o atemporal, intransitório e o permanente. Para Moltmann, essa delimitação permite crer, erroneamente, na vida eterna como uma vida atemporal. A questão é que o Deus testamentário é o “Deus vivo, que se mantém fiel a suas criaturas temporais em relações vivas”.<sup>136</sup> Moltmann possibilita a compreensão de que “temos de aferir a eternidade no conceito de vida” e não a “vida no conceito de eternidade”.

É necessário fazer uma distinção entre as expressões gregas *chronos* e *kairos*. As duas expressões são traduzidas na língua latina para designar o tempo, porém há diferenças essenciais entre elas. Os gregos tinham intenções diferentes a respeito do conceito de tempo que em nossa língua não encontra tradução

<sup>131</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 74.

<sup>132</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início: Breve tratado sobre a esperança*, p. 187.

<sup>133</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 75.

<sup>134</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 75.

<sup>135</sup> MOLTSMANN, J. *Ciência e sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia*, p. 127.

<sup>136</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 75.

equivalente. *Chronos* refere-se a um tempo sequencial, linear e cronológico passível de ser mensurado ou medido sem variabilidade, é o aspecto quantitativo. Já *kairos* significa aquilo que de especial acontece dentro do tempo, um momento impreciso e indeterminado, é o aspecto qualificativo. Para Moltmann, “vida eterna é vida plenificada do presente Deus no Cristo ressurreto e das forças da vida de seu Espírito”.<sup>137</sup> Assim, o que orienta a compreensão de tempo não é o conceito de transitoriedade, mas a ideia de futuridade. O tempo eterno não é *chronos*, mas sim *kairos*, ou seja, o instante qualificado no tempo. É a lógica divina e não humana onde “um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia”. (2 Pedro 3:8). É para Moltmann “a vida cumprida na experiência momentânea”<sup>138</sup>, ou seja, o momento eterno no presente que deixa o anseio de plenificação e a aspiração da presentificação do eterno.

Se nós pensamos em Deus, não é a duração cronológica da vida, mas é a sua profundidade do momento vivenciado que atinge aquela originalidade por nós denominada eternidade. O tempo cronológico nada tem a ver com essa eternidade de Deus. O momento pleno, contudo, é como um átomo de eternidade e sua iluminação é como uma centelha da luz eterna. É o amor que vivifica a vida e espalha ânimo de viver. A partir do prazer de uma vida amada nós perguntamos pela plenitude da vida e a denominamos “vida eterna”.<sup>139</sup>

Viver plenamente a vida importa em reconhecer de maneira marcante e positiva os sinais visíveis da vitalidade divina no tempo presente. A Vida eterna, de maneira alguma pode ser apenas uma expectativa futura, que não se relaciona com a vida presente. Pior ainda é depositar numa vida após a morte a esperança de plenificação. Assim predomina a ideia de que se vive gemendo e chorando num vale de lágrimas, ou seja, a terra como lugar de desterro, exílio, castigo. Desta forma a vida não adquire significado próprio, é vista apenas como um espaço de sofrimento na espera para a eternidade. A vida plenificada, com sentido, feliz, eis a finalidade do ser humano alcançada em Deus que “desperta toda a aspiração e toda busca humana, e, finalmente, as realiza”.<sup>140</sup>

<sup>137</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 76.

<sup>138</sup> MOLTSMANN, J. *Ciência e sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia*, p. 128.

<sup>139</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início: Breve tratado sobre a esperança*, p. 188.

<sup>140</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início: Breve tratado sobre a esperança*, p. 191.

## 2.2 HERMENÊUTICA TEOLÓGICA DA NATUREZA

Ao pensar o tema da criação, Moltmann não parte da ideia criacionista e nem de um designer inteligente, por considerar as duas correntes irrelevantes, mas descreve a terra como espaço criador e limita a história da humanidade a apenas uma parte do desenvolvimento criador da terra. Interessa ao teólogo a “terra criadora de vida” e a “evolução da vida na terra”.<sup>141</sup>

Moltmann aponta a sequência evolutiva como sendo projeto, ou seja, a criação tem um propósito, e este, reside na habitação divina na terra. Assim, a criação tem um início e um fim, no sentido de um princípio e uma finalidade e segue um processo evolutivo. Esse processo evolutivo, segundo Moltmann, passa por três estágios diferentes: a) atividade criadora do princípio; b) a contínua atividade criadora do novo; c) a conclusão da atividade criadora de Deus. A humanidade se situa em meio a esse processo evolutivo. Esses estágios apresentados pelo autor serão abordados a seguir, a partir dos tópicos: A terra e o *shabbat*, o início da criação, a evolução da criação e a consumação da criação.

### 2.2.1 A terra e o *shabbat*

Desde as primeiras narrativas bíblicas a terra expressa dois lugares diferentes: “céu e terra” e “terra, mar e ar”. A primeira expressão “céu e terra” aparece revelando a “dupla figura do mundo criado”.<sup>142</sup> Para Moltmann, “céu” designa o “lado da criação que se abre para Deus”<sup>143</sup> enquanto que “terra” expressa o sentido de mundo visível, singular. O céu é o “mundo que corresponde a Deus”<sup>144</sup>, já a terra é o “lugar que se opõe a Deus”.<sup>145</sup> Assim, a interpretação é de a terra “testada na dor, se converta no mundo que corresponde a Deus”<sup>146</sup>, tal desejo é expresso na oração do Pai nosso: o anseio de que ocorra aqui na terra a vontade que reina no céu, ou seja, a vontade e soberania de Deus. A segunda expressão “terra, mar e ar”, expressa os “sinais vitais para os seres vivos que neles devem

<sup>141</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 146.

<sup>142</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 136.

<sup>143</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 136.

<sup>144</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 136.

<sup>145</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 136.

<sup>146</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 136.

existir”.<sup>147</sup> A terra ganha o status de fertilidade pela qual passa a brotar a vida dos demais seres. Atribui-se à terra a força capaz de produzir e evoluir a vida. Para o teólogo, a “terra é toda especial, ela não é um material tolo ou sem vida, mas é a criação de Deus que cria e preserva a vida”.<sup>148</sup> Assim é o ser humano pertencente à mesma comunidade de vida que se origina da fecundidade da terra.

É com a terra e seus sobreviventes que Deus sela uma aliança, após a destruição pelo dilúvio. Essa aliança ecológica implica no reconhecimento e na observância dos direitos da terra, expressos na lei do *shabbat* israelita. Para Moltmann, o *shabbat* é o sagrado momento onde a criação descansa e glorifica a existência. Tal importância tem o *shabbat*, pois é a partir dele que surge a renovação das forças e o revigoramento necessário para a criação. É o momento onde a humanidade deve deixar de lado o impulso moderno e consumista de perceber a si mesmo e à natureza como instrumento da satisfação de suas necessidades materiais e permitir o devido descanso a si mesma e, principalmente, à natureza.

A observância do *shabbat* não é opcional, mas condição para o restabelecimento da vida e fertilidade. Assim como já se previa na agricultura antiga, a terra necessita de um descanso para a produção vindoura ser satisfatória. É uma relação de respeito e de harmonia com a terra geradora do alimento. Poderia se pensar numa relação com a terra, de modo que se compreendam as suas necessidades. Diferente é a relação de exploração da terra, onde a natureza é mero instrumento provedor para a satisfação humana. Assim como com a terra, é sábio perceber que o ser humano também necessita da pausa para seguir adiante. A consequência da não observância do *shabbat* é a própria extinção da vida na terra, pois “nesse ato de repousar e deixar-em-paz se encontra a força da regeneração”.<sup>149</sup>

Na tradição judaica ainda aparece o conceito de *Shemithah* que literalmente significa “deixar livre” ou “libertar” a terra no sétimo ano. Esse conceito origina-se em Êxodo 23:11 e proíbe a produção e colheita no sétimo ano, a fim de que o que a terra gerar seja ofertado a Deus e aos pobres. O titular da terra poderá se servir da colheita sem acumulação, apenas daquilo que necessitar e não deve negar a outros a colheita para suas necessidades. De forma alguma deve-se trabalhar para a produção, sendo permitida a colheita de frutos que a árvore gerar sem a

---

<sup>147</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 137.

<sup>148</sup> MOLTSMANN, J. *O futuro da criação*, p. 19.

<sup>149</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 138.

interferência humana e de culturas que não tenham um ciclo de plantio de ano, como no caso de verduras e hortaliças. Assim a terra tem o seu tempo de recuperação para os próximos anos sem o conseqüente esgotamento do solo pela insistência no cultivo. Também é possível a veneração e a compreensão de que a terra e o que ela produz destina-se a Deus essencialmente.

Moltmann aplica ainda o conceito de Sol da Justiça, que é uma concepção babilônica e egípcia de aplicação de justiça reformulada pela tradição de Israel. Enquanto no Egito essa justiça está relacionada com um julgamento individual de crimes contra a pessoa humana e seus antepassados, na Babilônia a justiça ganha uma dimensão universal, onde importa o terreno, o cósmico e o social. À justiça egípcia afere-se um caráter punitivo-vingativo diferentemente da justiça babilônica, onde a justiça é caracterizada pela proteção e favorecimento dos fracos e das vítimas, reequilibrando o universo. O sol da justiça Divino é a justiça por meio de Cristo, a justiça criativa, que “instala o direito para as vítimas e põe em ordem os criminosos”. É o juízo social e cósmico de Deus.

Julgar a terra é o desígnio da vinda de Deus, fazendo nascer o Sol da Justiça e derramando essa justiça divina que restaura e restitui a terra denegrada e maculada pela humanidade. Na vinda de Deus se restabelece o esplendor e a grandeza da terra, devolvendo a sua verdadeira riqueza.

A expectativa da vinda de Deus é abrangente e terrena. Deus vem com a sua justiça para a sua terra e para todas as suas criaturas, e isso inclui também os povos; não se aplica, porém, principalmente a eles, mas a terra em que vivem. Talvez, para Deus, com a terra não estejam em jogo os seres humanos, mas com os seres humanos esteja em jogo a sua amada terra.<sup>150</sup>

Segundo Moltmann, existe “uma relação especial de Deus com a terra” ao considerar o relato da criação onde Deus vê a sua criação e a considera muito boa e a ideia de que “todas as criaturas são formas do Espírito Criador de Deus”. A sabedoria de Deus está na criação, atribuindo à terra uma relação onde há regozijo e alegria. Tal indicação orienta para um futuro onde o próprio Deus ultime sua obra, tornando a criação a sua morada. Ao julgar a terra, “todos os relacionamentos

---

<sup>150</sup> MOLTMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 140.

conturbados na criação devem ser consertados para que, com isso, a Nova criação firme os seus pés sobre o chão seguro da justiça e possa permanecer eternamente”.<sup>151</sup> A terra é preparada para se tornar a morada eterna de Deus a partir da glória do Cristo, que reconcilia o universo e antecipa a glória vindoura. Cristo é o sinal presente do futuro glorioso de Deus.

### 2.2.2 O início da criação

Segundo Moltmann, a decisão de criar o mundo surge a partir da liberdade de Deus, não por obrigação, mas por amor. Um amor que sai de si e se realiza em uma obra que não é inteiramente divina, mas é amada por Deus e “tem sua dignidade e seu próprio direito”.<sup>152</sup> Tem, a partir de um distanciamento de Deus, a sua liberdade e a possibilidade de suas decisões e caminhos. É a *creatio ex nihilo*, a “criação do nada” que não precisava ser feita, porém fora criada desde a liberdade de Deus. A criação não está condicionada à obediência irrestrita, mas sim aberta à liberdade. Deus “dá tempo e relativa liberdade a ela e dela espera resposta, o que a bíblia chama de louvor”.<sup>153</sup> A criação, portanto, não é sem sentido ou mero fruto do acaso, mas carrega em si a correspondência com o próprio criador, numa relação de amor.

Dois outros conceitos são colocados por Moltmann para a compreensão da criação. Primeiramente, para o teólogo, se a criação é a partir do caos (*creatio ex nihilo*) também é “uma criação de ordem *no* caos”<sup>154</sup> (*creatio in nihilo*). A criação, pois, conta com o amor inefável de Deus, mas também pela ameaça do caos. As forças do caos afligem a criação que já não tem mais a possibilidade de não pecar, não morrer, porém, na glória de Deus, na consumação, esses poderes do caos serão separados da criação e não haverá mais a possibilidade de sua ameaça. Para Moltmann, “se compreendermos a criação nos pormenores e no todo como um sistema aberto, então se criou com seu início a condição para sua história e para sua consumação”.<sup>155</sup> Afirma, dessa forma, que a criação é um sistema aberto e, assim, *creatio mutabilis*, ou seja, a criação não pode ser compreendida como algo concluído, terminado e perfeito. A criação orienta-se para um futuro aberto. A

<sup>151</sup> MOLTSMANN, J. *O futuro da criação*, p. 44.

<sup>152</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 147.

<sup>153</sup> MOLTSMANN, J. *O futuro da criação*, p. 15.

<sup>154</sup> MOLTSMANN, J. *Ciência e sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia*, p. 59.

<sup>155</sup> MOLTSMANN, J. *Ciência e sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia*, p. 58.

criação não é autossuficiente e se realiza na história e no tempo.

Para Moltmann, “Deus é um Deus que sustenta e carrega”<sup>156</sup>, assim não abandona a criação. Deus intervém na história de forma a manter a sua criação, participa das dores e sofrimentos de suas criaturas. Assim é o Deus que inova, participa, transforma o velho em novo. A criação, desse modo, não está concluída, mas continua em constante transformação com vistas ao que ainda vai ser.

O processo de criação de Deus tem, portanto, a dupla forma de manter e renovar. Também podemos identificar aí ainda uma outra dupla forma: a paixão de Deus e sua ação. Para manter esse mundo como sua criação, Deus sofre e tolera as condições deste mundo, como narra a história do dilúvio de Gn 6: quando a terra se encheu de maldade “Deus se arrependeu de ter feito os seres humanos na terra e ficou com o coração magoado”.<sup>157</sup>

No dilúvio, Deus demonstra o seu amor à criação e a sua ira à maldade. Recomeça a criação de modo a restaurar a vida e a plenitude de sua obra. Porém, prefere agora contar com a colaboração humana, recomeça a partir da fé de um homem. Responsabiliza a humanidade pelo cuidado e preservação da vida colocando os seres humanos pertencendo “à mesma comunidade vital com todos os outros seres vivos nessa terra tão fecunda”.<sup>158</sup> Atribui à humanidade o cuidado pelo desenvolvimento da criação não “a partir” da natureza, mas “com” a natureza. Também no êxodo, através de Moisés, conduz seu povo para a terra prometida, interfere de modo positivo para o auxílio de quem Nele crê. Sem dúvida, Deus não espera passivo e indiferente pela criação, mas participa, age e impulsiona a ação que vise o bem de sua obra.

### 2.2.3 A evolução da criação

Para Moltmann, Darwin com o conceito de descendência mostrou que “os seres humanos, junto com todos os outros seres vivos, pertencem à mesma família”<sup>159</sup>. Isso não contradiz a antropologia cristã, mas corrobora com a moral da

<sup>156</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 148.

<sup>157</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 148.

<sup>158</sup> MOLTSMANN, J. *O futuro da criação*, p. 19.

<sup>159</sup> MOLTSMANN, J. *Ética e Esperança*, p. 150.

Arca de Noé, quando a criação recomeça a partir da colaboração mútua entre todos os seres vivos. A teoria da evolução natural das espécies desempenha uma análise da vida a partir das experiências do passado, possibilitando a compreensão de como se chegou até esse momento. Faz com que se olhe em direção ao passado e se faça “um questionamento apenas para os começos, pois num desenvolvimento aparece apenas o que já era ou estava desenvolvido”.<sup>160</sup> Porém, não amplia a visão para qual a continuidade da criação, pois “o passado determina o presente, não o futuro”.<sup>161</sup>

Eis o limite do conceito de evolução: ajuda a entender “como as coisas se tornaram, como as coisas são hoje, mas não como as coisas poderiam ser ou como elas, possivelmente, poderão vir a ser”.<sup>162</sup> Esse limite do conceito de evolução fortalece teorias da *emergência*, onde não ocorrem apenas “desenvolvimentos contínuos, mas também saltos qualitativos”.<sup>163</sup> Ou seja, a soma de partes isoladas não gera um resultado que quantifica o conjunto, mas gera uma nova informação que supera a totalidade das partes. Essa nova informação ou propriedade é imprevisível e constitui-se em uma nova etapa de evolução de um sistema. Isso ocorre quando a ação individual de um agente forma, no coletivo, um comportamento complexo. A partir disso, “não compreendemos o todo ao dividirmos e examinarmos apenas as suas partes”.<sup>164</sup>

Chego à conclusão de que na história da natureza existe a construção sistêmica da matéria e das formas de vida e, aí, surgem totalidades sempre novas. A natureza certamente não é cega. Na combinação de acaso e necessidade, há uma tendência para formas de vida mais complexas e simbioses interconectadas. A natureza joga com suas formas e faz experimentos com suas mutações.<sup>165</sup>

Na interpretação de Moltmann, os sinais da natureza são “como presença do Espírito de Deus que conduz ao transcender, o qual, no surgimento de novas totalidades, antecipa o futuro da natureza no Reino de Deus”.<sup>166</sup> Assim, para

---

<sup>160</sup> MOLTSMANN, J. *O futuro da criação*, p. 19.

<sup>161</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 151.

<sup>162</sup> MOLTSMANN, J. *O Futuro da criação*, p. 20.

<sup>163</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 151.

<sup>164</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 151.

<sup>165</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 151.

<sup>166</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 152.

Moltmann, seria apropriado falar em “cooperação como princípio da evolução” e não em “luta pela existência”, o que o Darwinismo social imputa como fator de sobrevivência. Para o teólogo, não se trata de conflito ou competição entre grupos e espécies, mas de cooperação. É o que comprovam novas pesquisas, que “para a construção de sistemas vitais mais complexos na natureza evolutiva da vida, o princípio da cooperação foi sempre mais bem sucedido”.<sup>167</sup> Através do apoio mútuo entre os indivíduos, as sociedades teriam maiores chances de sobrevivência. Também as interações sociais dependem do sistema motivacional, por meio do qual o indivíduo interage consigo e com o mundo, não se isolando numa luta contra todos. Dessa forma, o sistema emocional é estimulado pela aceitação ou não-aceitação exterior. Moltmann vê nessa ideia uma forte ligação ao evangelho que fala do acolhimento e aceitação do Pai. Deus, que aceita incondicionalmente o ser humano é a fonte inesgotável e eterna de “autoestima e amor ao próximo”.<sup>168</sup>

Outro ponto da teoria da evolução que surge a partir de Darwin é o fato de que cada degrau na evolução está mais apropriado e representa um progresso. Tal juízo de valor coloca com peso de dignidade menor aquilo que não se enquadra na medida da sociedade moderna. É uma visão etnocêntrica, supondo que todos os seres humanos tenham medido o seu grau de evolução, pela sua cultura e visão de mundo. Assim, as fases de evolução sempre conduzem a estágios superiores. Diante disso, Moltmann afirma que “perante Deus, toda forma de vida tem seu valor e seu direito já em si mesma e, de modo algum, é apenas um degrau na escala do progresso”.<sup>169</sup> Não se pode imaginar pessoas que não compartilham dos mesmos padrões estabelecidos pela cultura ocidental moderna como sendo seres inferiores ou como sendo vidas ainda não evoluídas. Certamente assim como “todas as formas de vida têm sua dignidade em si mesmas e fazem parte da mesma família da criação, tenham elas nascido há milhões de anos ou tenham surgido ontem”.<sup>170</sup>

#### **2.2.4 A consumação da criação**

Na teologia de Jurgem Moltmann, quaisquer respostas a perguntas

---

<sup>167</sup> MOLTSMANN, J. *O futuro da criação*, p. 22.

<sup>168</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 154.

<sup>169</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 154.

<sup>170</sup> MOLTSMANN, J. *O futuro da criação*, p. 24.

escatológicas devem necessariamente ser respondidas de forma cristológica<sup>171</sup>, pois essa orientação é a única possível. Cristo é apresentado pelo teólogo como fundamento da criação, força motora da evolução, e, finalmente, como redentor de todo o processo da criação.<sup>172</sup> Em Jesus, com sua ressurreição, a recriação de todas as coisas já teve início.

A recriação da existência humana começa, portanto, na comunhão do Cristo ressuscitado. Na comunhão com Cristo, o Espírito Santo é experienciado como Espírito da nova vida. As pessoas nascem de novo do Espírito de Deus. Trata-se aqui do renascimento para a vida eterna do mundo vindouro. Por esse motivo elas sentem as energias do Espírito divino como os poderes do mundo vindouro.<sup>173</sup>

Dessa forma não se deve esperar o final desse mundo e a criação de um novo mundo, mas sim a transformação desse mundo num mundo novo. Moltmann define dois princípios formais para designar esse futuro da história que se caracteriza pela modificação de sua essência<sup>174</sup>: a impossibilidade da morte (a negação do negativo) e a presença do próprio Deus habitando a criação (cumprimento das antecipações e das promessas). Desse modo “a criação é libertada do poderio do tempo para a presença da eternidade”.<sup>175</sup>

A expectativa profética bíblica é de que “este mundo será substituído por uma nova criação com um novo céu e nova terra”.<sup>176</sup> Moltmann aponta para o que diferencia sumariamente a nova terra da antiga terra: a habitação da justiça. Aqui a justiça de Deus “não se refere a uma renovação do que existe, mas a um novo fundamento do ser e a uma nova ordem de vida da criação em geral”.<sup>177</sup> O termo utilizado para expressar a habitação divina é a expressão *shechinah*. Com ele designa-se o “morar” a “habitação” de Deus com o seu povo. Essa habitação primeiramente dá-se junto à arca da aliança, templo do povo peregrino, e mais tarde passa para o templo de Jerusalém.

<sup>171</sup> MOLTSMANN, J. *Ciência e sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia*, p. 73.

<sup>172</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 424.

<sup>173</sup> MOLTSMANN, J. *Ciência e sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia*, p. 73.

<sup>174</sup> MOLTSMANN, J. *O futuro da criação*, p. 25.

<sup>175</sup> MOLTSMANN, J. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a Teologia da Vida*, p. 124.

<sup>176</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 143.

<sup>177</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança: Estudo sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*, p. Ética da Esperança, p. 259.

A *shechinah* não é uma propriedade de Deus, mas sim a presença do próprio Deus. Não é a sua onipresença, que faz parte da essência de Deus, mas sim uma presença especial, querida e prometida, de Deus no mundo. Ela é o próprio Deus presente em determinado lugar e em determinado tempo.<sup>178</sup>

A *shechinah* permanece com o povo mesmo no seu exílio depois da destruição do templo, “por meio de sua *shechinah* o Deus eterno e sem fim se tornou companheiro de caminhada e de sofrimento, perseguido e sofredor junto com seu povo disperso”.<sup>179</sup> Participa assim de seus sofrimentos, aflições e angústias humanas, porque é um Deus misericordioso e que ama o seu povo.

A *Shechinah* cósmica de Deus fará nova a criação, de modo a repará-la e a constituí-la para a eternidade da Sua presença. Portanto, a *Shechinah* “tornar-se-á a criação no fim a plenitude da criação no princípio, e todas as criaturas de Deus se tornarão promessa real de seu próprio futuro eterno da nova criação”.<sup>180</sup> É o Deus vivo que habita e que vivifica a criação para sempre. A criação completa-se na presença da justiça, na presença de Deus. Na *shechinah* cósmica de Deus, tudo será plenificado, e “os poderes do caos e da destruição serão expulsos da criação”.<sup>181</sup> A presença de Deus irrompe com a realidade negativa e abre o espaço para que só o positivo exista. Assim, desperta a certeza de que a “verdadeira criação não está atrás, mas à frente de nós”.<sup>182</sup>

### 2.3 HERMENÊUTICA TEOLÓGICA DA SALVAÇÃO

Para Moltmann, o tema da salvação está intrinsecamente ligado à criação e a sua consumação. A expectativa que se estabelece a partir dessa perspectiva corrobora com a crença judaico-cristã de que a salvação só pode ser pensada em termos coletivos e universais. A salvação se situa no horizonte da história da criação, de onde inicia-se o tempo e a espera para a sua consumação. Assim, “pela fé na criação e pela esperança na salvação, a experiência salvífica particular é

<sup>178</sup> MOLTSMANN, J. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*, p. 56.

<sup>179</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início: Breve tratado sobre a esperança*, p. 60.

<sup>180</sup> MOLTSMANN, J. *O futuro da criação*, p. 25.

<sup>181</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 155.

<sup>182</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 155.

entendida nas suas dimensões universais”.<sup>183</sup>

Além dessa concepção de salvação a partir da criação e consumação, é ainda destacado pelo autor o indicativo de salvação como plenificação da vida, no sentido de que o Deus da criação é o Deus vivo e, assim, também Jesus é possuidor da mesma vida, que, pela sua encarnação torna-se vida para todo o mundo. Assim, pela sua ressurreição a vida adquire o significado de eterno. Aqui a salvação é “concebida inteiramente como vida e é identificada com o próprio Cristo”.<sup>184</sup> Há, na visão de Moltmann, a ideia de que a vida eterna é idêntica ao amor de Deus, pois é a sua exteriorização. O amor de Deus se manifesta desde a criação do mundo até o envio de seu filho, para que em meio à maldade humana, possa restabelecer o caminho de justiça e amor divino e para que todos tenham a possibilidade dessa vida amorosa.

Além dos tópicos da criação, consumação e da plenificação da vida, já abordados anteriormente como hermenêuticas da natureza e da vida, o tema da salvação também é tratado por Moltmann como estando relacionado diretamente com o Reino de Deus e com a justiça Divina, matéria que se passa a discorrer nos temas a seguir.

### **2.3.1 Salvação como Reino de Deus**

Moltmann indica que nos evangelhos sinóticos a salvação é o Reino de Deus antecipado e praticado por Jesus. O Reino de Deus manifestado em Jesus é a promessa de acolhimento, liberdade, justiça, paz, etc. A mensagem do evangelho encontra, naqueles que mais anseiam pela justiça divina, a necessidade urgente da instauração do Reino de Deus. Os pobres ganham um lugar especial na promessa de superação das carências e adversidades que são fruto de uma sociedade em que os que devem guiar estão cegos e os que devem libertar estão presos. Em Jesus inicia o tempo messiânico onde “desaparecem os demônios da terra, os doentes são curados, os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam puros, e os pobres ouvem o seu evangelho”.<sup>185</sup> O Reino de Deus está presente, é realidade anunciada e confirmada pela presença de Jesus, como dito em Mateus 12.28: “Mas se é pelo

---

<sup>183</sup> MOLTSMANN, J. *Trindade e Reino de Deus*: Uma contribuição para a teologia, p. 111.

<sup>184</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 73.

<sup>185</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 70.

Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós.” O reino já chegou e se faz presente, mas “presente apenas como reino vindouro”.<sup>186</sup> Então o Reino de Deus assume o caráter de ser o “futuro messiânico que com Jesus irrompem na realidade”.<sup>187</sup>

A expressão “Reino de Deus”, em grego *basiléia tou theou* assinala a soberania divina já que “Reino” em grego “*basiléia*” e em hebraico “*malkut*” exprime domínio, soberania e poder primeiramente, sendo secundário o conceito geográfico/espacial. Então fica manifesto que ao se falar em Reino de Deus, não se pretende fechar-se em uma visão territorial/política/social ou em uma monarquia teocrática, mas sim de explicitar o reinado, a soberania e vontade de Deus sobre a terra. A realeza da Deus acontecendo na história. Moltmann compreende o Reino de Deus como sendo a nova criação, assim “o domínio de Deus que já atua para dentro desta história da injustiça e da morte deve ser entendido analogamente como o agir recriador e vivificador de Deus”.<sup>188</sup>

No evangelho de Mateus a expressão “Reino de Deus” ocorre apenas 4 vezes, sendo que “Reino dos Céus”, em grego “*basiléia tôn ouranôn*”, aparece 31 vezes. Muito embora “Reino dos Céus” suscite especulações sobre uma nova categoria de interpretação, muito provavelmente essa expressão também se refira a “Reino de Deus”. É mister lembrar que Mateus escreve para cristãos provenientes do judaísmo e provavelmente evita a palavra Deus. Então, “céu” seria uma substituição do nome divino, uma espécie de eufemismo para Deus.

Nos Evangelhos sinóticos, a expressão “Reino de Deus” aparece 52 vezes, e “Reino dos Céus” aparece somente em Mateus em 31 ocorrências. São 83 vezes citadas nos sinóticos a categoria que exprime a enigmática presença de Deus na história. O Reino de Deus é algo totalmente novo, sem possibilidades de compreensão por uma lógica antiga. Tal dificuldade de expressar racionalmente o Reino de Deus é indicada pelas comparações feitas por Jesus ao tentar explicar de maneira simples aos seus ouvintes. Em Lucas 13:20, Jesus interpela aos ouvintes: “a que compararei o Reino de Deus?” Seguem-se várias parábolas para traduzir a grande novidade anunciada, cumprida e projetada em Cristo.

Os diversos milagres realizados por Jesus são compreendidos, de maneira

<sup>186</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p.158.

<sup>187</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 71.

<sup>188</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 160.

geral, como sinais ou antecipações do Reino de Deus, Durante seu mistério, Jesus realizou diversos “milagres, prodígios e sinais” (At 2,22), demonstrando que o seu poder está sobre a doença, a natureza e até mesmo sobre a morte. Esses sinais descritos nos evangelhos também atestam que o Reino está presente em Jesus, e que, de fato, Ele é o Messias esperado conforme o evangelista João: “Jesus, na verdade, operou na presença de seus discípulos ainda muitos outros sinais que não estão escritos neste livro; estes, porém, estão escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.” (João 20:30-31)

Nesse sentido, Moltmann afirma que milagres são para um mundo não convertido, e que, numa realidade onde o Reino de Deus se faz presente, as curas e libertações são apenas o óbvio<sup>189</sup>. Ou ainda que os milagres de Jesus são a “única coisa natural num mundo desnatural, demonizado e machucado”.<sup>190</sup>

O Reino do Deus vivo é saúde e vida e vida em abundância. O Reino de Deus abrange toda a criação e é tão variegado quanto esta. Não é só um ideal ético de justiça e paz. É certo que o é também, mas em sua plenitude é terreno e corpóreo e é percebido sensorialmente, assim como os doentes vivenciam a sua cura com todos os sentidos e os cativos interiores e exteriores experimentam a sua liberdade com todos os sentidos.<sup>191</sup>

Se o Reino de Deus está próximo, conforme Mc 1,15, a conversão ao evangelho se faz urgente diante da eminência da chegada do Reino. Porém, Moltmann assinala que esse próximo não “define uma data cronológica, mas indica aqui e agora o presente do seu futuro”.<sup>192</sup> A conversão exigida pelo seguimento do evangelho é a crença no novo, uma realidade absolutamente distinta da antiga forma de vida. A natureza do evangelho é boa, é a boa nova, que traz uma nova realidade com vistas ao futuro. A conversão de Paulo de Tarso é um forte exemplo de mudança de vida. Paulo explica o sentido de conversão: “Portanto, abandonem a velha natureza de vocês, que fazia com que vocês vivessem uma vida de pecados e que estava sendo destruída pelos seus desejos enganosos [...] Vistam-se com a nova natureza, criada por Deus [...] Ef 4. 22, 24, 28, 29. De grande observador e

<sup>189</sup> MOLTSMANN, J. *O Ética da Esperança*, p. 71.

<sup>190</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 160.

<sup>191</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 71.

<sup>192</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 71.

praticante das leis antigas, Paulo torna-se defensor da não-exigência ao cumprimento da lei mosaica, porque compreende o novo, altera sua visão e radicalmente muda o sentido da sua existência.

Moltmann afirma que “conversão é a antecipação da vida no Reino de Deus sob as condições do velho mundo”.<sup>193</sup> É, assim, uma possibilidade da humanidade em experimentar o novo e contribuir para com o novo. O Reino de Deus se faz presente em Cristo, é antecipado para a humanidade, de modo que se possa não mais apenas esperar a sua realização, mas esforçar-se ativamente para alcançá-lo. A beleza e a justiça desse Reino devem ser a meta humana, o objetivo e sentido da sua existência e caminhada.

### **2.3.2 Salvação como Justiça Divina**

Nos dias atuais, onde a violência nos ameaça, não há outra possibilidade de promoção de paz que esteja dissociada de justiça. Moltmann assegura que não há mais como dissuadir alguém de cometer atos terroristas ou ataques biológicos. Estão em questão valores religiosos ou conceitos morais que não deixam margem alguma para outra forma de pensar. Sem que haja valor à vida ou mesmo o temor à morte, é impossível a dissuasão ter êxito. A paz deve ser vista como algo a ser construído pela justiça de ordem econômica/social/política/religiosa.

Moltmann aponta a seriedade do evento atômico de Hiroshima em 1945 quando, ao lançar a bomba atômica, deu-se por encerrada uma guerra mundial. Porém, a consequência foi para muito além do término da guerra: a humanidade determinou um fim possível a toda vida na terra. Assim, “nosso tempo se tornou um tempo de prazo limitado”.<sup>194</sup> A cada dia, frente à iminente possibilidade de destruição em massa potencializada pelas armas nucleares, deve ser comemorado o não-fim da humanidade. Agora “a luta pela vida é a luta contra o fim nuclear”, e deve necessariamente envolver todos os âmbitos da vida humana. Avisa Moltmann que a natureza sempre garantiu a preservação humana, mas que agora já não é mais o caso, sendo que a própria humanidade deve buscar a preservação com vistas às gerações vindouras. A responsabilidade pela existência e sobrevivência cabe, de

---

<sup>193</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 71.

<sup>194</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 82.

maneira inédita, aos próprios seres humanos.

O tempo de vida do gênero humano não é mais garantido pela natureza como foi até agora, mas deve ser criado pelos seres humanos por meio de uma política de sobrevivência consciente. Até agora, a natureza regenerou o ser humano depois de epidemias e de guerras mundiais. Protegeu o gênero humano do extermínio por meio de outros seres humanos.<sup>195</sup>

Moltmann destaca o fato de se estar presenciando a “primeira era comum a todos os povos e a todos os seres humanos”<sup>196</sup>, isso em razão da ameaça atômica ser para todo o globo. Independe a relação dos povos com a questão, em uma possível guerra atômica toda a humanidade estará envolvida e sofrerá as consequências malignas tanto da ação quanto da omissão de alguns países que “não estão a serviço da vida, mas do caos”.<sup>197</sup> Para Moltmann, quem mais sofre com a violência e a injustiça é o povo pobre, “porque não tem como se defender”<sup>198</sup>. Portanto, faz-se necessária a intervenção de todos os povos para a causa comum da sobrevivência. Isso “requer a relativização dos interesses individuais das nações, a democratização das ideologias que geram conflitos, o reconhecimento das diversas religiões e a subordinação de todos ao interesse comum pela vida”.<sup>199</sup> Em Paulo, Moltmann assinala que a salvação “se concentra na justiça de Deus revelada na entrega e na ressurreição de Jesus”.<sup>200</sup> A virada escatológica do mundo acontece em e a partir de Cristo ressuscitado, passando-se da transitoriedade para a intransitoriedade. Para Paulo, o evento da cruz assinala uma nova perspectiva: uma “habitação recíproca de Cristo e dos cristãos”<sup>201</sup>, ou seja, uma verdadeira comunhão na morte com Cristo para a sua ressurreição para a vida com Cristo. Logo, a compreensão é de que “a salvação e justificação se volta, portanto, de maneira igualmente universal a todos os pecadores, chamando-os para a fé”.<sup>202</sup> Paulo apresenta Jesus, como sendo não apenas o Messias esperado pela tradição

<sup>195</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 82.

<sup>196</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 202.

<sup>197</sup> MOLTSMANN, J. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*, p. 110.

<sup>198</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 83.

<sup>199</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 72.

<sup>200</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 73.

<sup>201</sup> MOLTSMANN, J. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*, p. 122.

<sup>202</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 73

judaica, o Cristo que viria para o povo de Israel, mas o Messias que se torna cabeça de toda a humanidade. Cristo estabelece uma nova dimensão para a vida, a vida da nova criação, incorruptível e sem a “possibilidade do pecado e da morte”.<sup>203</sup>

Para judeus e cristãos, a paz esperada tem como referência a justiça divina que é “justiça criadora, justificadora e garantidora de direitos”<sup>204</sup> e, assim, estabelece condições para o surgimento da paz verdadeiramente duradoura, evocada por *shalom*. A justiça divina é a perfeita ordem das coisas, é o perfeito estado de comunhão que gera a paz. Na tradição bíblica, *Shalom* exprime a ideia de integralidade e totalidade do ser humano. Significa a “santificação da vida inteira, que Deus criou, em todas as suas relações”.<sup>205</sup> A paz em relação a Deus, a humanidade e a natureza. *Shalom* deve ser compreendida num contexto amplo de plenitude e realização da obra divina. Para Moltmann “a paz não é a ausência de violência, mas a presença da justiça”.<sup>206</sup> Assim, ao falar de paz é preciso restaurar o equilíbrio e a justiça como caminhos para que a paz possa acontecer, sendo que “não há paz onde reina a violência, pois onde reina a violência governa a morte e não a vida”.<sup>207</sup> Em seus apontamentos, Moltmann refere que “o verdadeiro pecado da humanidade é a prática da violência que conduz para a morte, e que por isso a salvação da humanidade reside na paz que serve à vida em comum”.<sup>208</sup> A gravidade da violência é assinalada por Jesus, quando em suas pregações tornava claro o esforço realizado em favor da não violência como caminho para combater o mal.

---

<sup>203</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 83.

<sup>204</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 84.

<sup>205</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 84.

<sup>206</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 84.

<sup>207</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da Esperança*, p. 84.

<sup>208</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*, p. 201.

### 3 ESPERANÇA CRISTÃ COMO HORIZONTE E FONTE DA ÉTICA DA VIDA

O tema da esperança é o condutor de toda a teologia de Jurgen Moltmann, sendo impossível dissociar a *esperança* do autor que ficou conhecido como o *teólogo da esperança*. A partir do lançamento da “Teologia da Esperança - Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma Escatologia Cristã”, em 1964, o teólogo alemão suscitou debates e discussões em ambientes não apenas cristãos, tendo o conceito de esperança ultrapassado as fronteiras da teologia. O caminho percorrido por Moltmann não trata de qualquer esperança, mas da esperança cristã, que se realiza no horizonte da escatologia: se torna perspectiva futura e alteração do presente. Em sua obra, Moltmann dá novo lugar à escatologia, tirando o conceito do preocupar-se com as coisas últimas ou com o final e reposicionando para um local no presente, como meio e caminho antes do final. Segundo Moltmann, “o escatológico não é algo que adere ao cristianismo, mas é simplesmente o meio em que se move a fé Cristã, aquilo que dá o tom a tudo que há nele, as cores da aurora de um novo dia esperado, que banham tudo o que existe”.<sup>209</sup> É um futuro desconhecido, mas que se manifesta no aqui e agora.

A história do cristianismo é, desde o seu início, uma história de esperança e de promessa. Em Abraão, a promessa de uma nova terra é um chamado para a caminhada. Para o Cristão, a promessa de salvação também se realiza enquanto atende o chamado para uma vida de amor a Deus e ao próximo. Para Moltmann, “a esperança abre a fé para o vasto futuro de Cristo”<sup>210</sup>, pois é olhando para Cristo que temos a certeza da realização das promessas de Deus. A Teologia da Esperança tem, pois, sua centralidade no evento Cristo. Na sua morte de cruz não se encerra o plano de salvação divino, mas se antecipa o futuro da criação na Ressurreição de Cristo. Esse futuro é o Reino de Deus e não está somente para a eternidade, não pode ser apenas aguardado como um céu espiritual, mas a espera do Reino de Deus deve surtir, no cotidiano das pessoas, os seus efeitos, de onde se caminha para uma nova terra de justiça. Assim, pensar a sociedade por esse horizonte é perceber possibilidades de superação de uma realidade que nada tem a ver com o projeto Cristão, no que diz respeito à conduta social individualizada e sem conexão

---

<sup>209</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 02.

<sup>210</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 07

com o próximo ou mesmo com Deus.

O apóstolo Paulo, ao escrever para os Tessalonicenses, pede para que os Cristãos se portem de forma a atender ao chamado de Deus. Que os homens e mulheres busquem a sua santificação, desprezando as coisas que os afastam da conduta exigida por Deus, recomendando a retidão de seus atos e apresentando diretrizes morais para o cumprimento da vontade divina. São Paulo afirma que “Deus não nos chamou para a impureza, mas sim, para a santidade” (1 Ts 4,7). Essa conduta de imitação do Cristo é necessária para o momento da segunda vinda do Senhor. E o Cristão, que é “filho da luz” (1 Ts 5, 5), deve estar preparado, “revestido da couraça da fé e da caridade, e do capacete da esperança da salvação” (1 Ts 5, 8). Devem, portanto, permanecer em constante oração, dando graças ao Senhor por todas as coisas, examinando tudo e guardando somente o bem e afastando-se de tudo que é mal. Tais orientações parecem ter efeito na comunidade de Tessalônica, pois em sua segunda epístola, o apóstolo Paulo tece elogios quanto à fé e perseverança da comunidade, afirmando serem eles o “orgulho entre as Igrejas de Deus” (2 Ts 1, 4). Assim, a esperança da vinda do Senhor mantém em vigia e une a comunidade no cuidado com suas atitudes perante a vida. O empenho da comunidade é de não “cansar em fazer o bem” (2 Ts 3, 13). A esperança Cristã é caminho e destino daquele que crê. A esperança dá sentido para a vida humana. Moltmann contribui para se repensar a ética Cristã sob a perspectiva de uma não-aceitação passiva das injustiças, partindo para uma atitude de transformação da realidade social, criando uma cultura da vida onde estejam presentes o valor e a dignidade da vida humana.

A partir da análise da realidade e dos pressupostos teológicos de Moltmann, desenvolvidos nos dois primeiros capítulos, busca-se, neste capítulo final, aprofundar melhor as questões pertinentes ao agir cristão. Destacar-se-á inicialmente, o tema da esperança como força motivadora de uma ética que corresponda à necessidade atual na sociedade; num segundo momento e, concluindo o capítulo, serão ressaltados os argumentos teológicos que orientam e sustentam uma postura cristã em face da necessidade de defesa e promoção da vida humana.

### 3.1 A ESPERANÇA CRISTÃ

Na teologia de Moltmann, o futuro Reino de Deus antecipado no Cristo ressuscitado não deve ser apenas uma espera, mas uma força motivadora para uma ação no momento presente. Essa esperança deve ser capaz de transformar a realidade histórica, modelar a sua vida e a da sociedade. Em Moltmann “a esperança da ressurreição deve trazer consigo uma nova compreensão do mundo”<sup>211</sup>, sendo uma compreensão que valoriza a ação humana na construção do mundo, pois ele ainda não está acabado, mas está em processo. Esse processo acontece na história, pois Deus se manifesta e delega à humanidade a missão de caminhar para realizar o Reino dos Céus.

Ser o povo do Deus da promessa implica necessariamente em esperança em uma realidade ainda não alcançada, que se coloca como meta e ao mesmo tempo caminho para o seu cumprimento. O Cristão, através da promessa ainda não realizada, não frustra a sua fé como um desejo já alcançado e superado, mas permite-se mover-se para onde a promessa o dirige. Nessa perspectiva, será abordado o tema da esperança a partir das condições que possibilitem aos seres humanos a vivência de uma ética Cristã. Assim, subdivide-se esse item em: vitalidade da esperança: força de transformação; orar e vigiar: despertar para a realidade; missão Cristã: restauração da vida.

#### 3.1.1 Vitalidade da esperança: força de transformação

Como já citado anteriormente, a concepção da esperança de Moltmann encontra-se no horizonte da escatologia e a partir da compreensão de promessa e futuro é possível situar o conceito na centralidade da ressurreição de Cristo. Tem-se assim, a esperança orientando não para um futuro qualquer, mas para o futuro de Jesus Cristo. A esperança é memória *Christi*<sup>212</sup>, pois se fundamenta na vida, morte e ressurreição de Jesus e no anúncio da vinda do ressuscitado. Já adverte Paulo que se “Cristo não ressuscitou, ilusória é a vossa fé” (I Cor 15:17) e confirma que a esperança em Cristo é não apenas para essa vida (I Cor 15:19), mas a realoca na

---

<sup>211</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 406

<sup>212</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 112

perspectiva de nossa ressurreição junto a Cristo. É, portanto, para o cristão, a ressurreição de Cristo, a realidade central de nossas esperanças no Cristo vindouro e uma antecipação do futuro de todos os mortos. A criação abre-se para o futuro de Cristo e a expectativa de sua volta afere uma nova conduta.

Na esperança criativa da vinda de Cristo são feitas as experiências cotidianas da vida. Aguarda-se e tem-se pressa, espera-se e tolera-se, ora-se e vigia-se, sendo ao mesmo tempo pacientes e curiosos. É isso o que torna a vida cristã excitante e movimentada. Crer que um outro mundo é possível torna os cristãos para sempre capazes de futuro.<sup>213</sup>

O futuro que, por meio da esperança, age no presente, é a meta indicada por Moltmann para a antecipação do Reino de Deus. É a condição de contradição existente entre a realidade experimentada e a esperança que resulta no movimento do cristão de “levar a realidade atual a transformar-se naquilo que está prometido e esperado”.<sup>214</sup> Essa contradição entre experiência presente e esperança é justamente a contradição existente entre a cruz e ressurreição. Em Brustolin, a esperança é vista como a “antiimagem contra o ato violento da cruz”.<sup>215</sup> De fato, “na impotência do madeiro da vergonha se manifesta o poder da glória de Deus”.<sup>216</sup> O presente, expresso pelo pecado, injustiça e morte tornar-se-á vida, justiça e paz. Realmente presencia-se a dor e o sofrimento diários, provocados pela injusta relação entre os seres humanos, que por meio do pecado, promovem os poderes da morte. Porém, “tão real como a cruz”<sup>217</sup>, é a ressurreição. O cristão deve estar deliberadamente “contradizendo o presente experimentado”<sup>218</sup> trazendo, com a vitalidade da esperança, as “forças de cura e libertação”.<sup>219</sup>

Moltmann ainda define dois elementos estilísticos para a visão de futuro<sup>220</sup>: a) a negação decidida do aspecto negativo, onde há a abertura para Deus e a superação dos sofrimentos e do mal a partir dessa negação do negativo; b) a antecipação do positivo, como presença de Deus entre a criação, ainda não de forma onipresente e definitiva. Os dois elementos precisam ser compreendidos

<sup>213</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 112.

<sup>214</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 32.

<sup>215</sup> MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica*, p. 57.

<sup>216</sup> BRUSTOLIN, L. *Quando Cristo vem*, p. 90.

<sup>217</sup> RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*, p. 221.

<sup>218</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 34.

<sup>219</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 116.

<sup>220</sup> MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica*, p. 57.

juntos para que se complementem e se atribuam significados opostos.

Nessa contradição entre o negativo existente e o positivo esperado, consiste a força da esperança, que se coloca como ânimo de resistência e de não-aceitação diante do negativo e entusiasmo para a sua modificação. Deste modo, “em virtude da esperança não esmorecemos, não desanimamos de nós mesmos, mas nos mantemos irreconciliados e insubmissos num mundo injusto e de morte”.<sup>221</sup>

Quando a esperança assume apenas o equivalente a um sentimento piedoso, torna-se uma ilusão que tira a responsabilidade do indivíduo frente às adversidades e obstáculos, e transfere para a esfera do transcendente a respectiva solução. Assim, a esperança nada mais é que uma fé conformada que em nada altera a condição existente. Tem-se então a esperança como um ato daquele que espera pelas forças de outrem ou de potências divinas a realização de suas expectativas. O indivíduo olha para o futuro e projeta uma realidade onde as condições de vida sejam melhores, e acredita que esse dia possa se transformar em realidade, porém não realiza nenhuma ação com vistas a atingir essa meta cogitada. Assim, a esperança é apenas um pensamento positivo e tal como ilusão, também pode motivar, porém não cria nada a partir de si. A esperança cristã deve, no entanto, ser diferente. Tendo em vista a antecipação do positivo, a esperança orienta para a ação e a atuação daquele que espera. Desta forma, o amanhã idealizado começa a ganhar força e presença na realidade vivida pelo indivíduo. A esperança deve transformar o presente com a intensidade do bem que se projeta no futuro.

Em Hebreus 6:19, Paulo compara a esperança a uma “âncora da alma, segura e firme”. Tal comparação tem o intento de atribuir à esperança os mesmos predicados do instrumento utilizado por aqueles que, com a experiência do mar, sabem da importância da âncora para uma embarcação. Aqui, a âncora, que é corretamente associada à firmeza, tranquilidade e fidelidade, expressa a esperança como sendo a estabilidade, que, em meio a adversidades, é capaz de manter-se firme em seu propósito. A alegoria se expressa de forma irrepreensível no que diz respeito à qualidade de sustentação atribuída à esperança. Poder-se-ia ir além, para uma alegoria onde a embarcação representa a igreja e as águas revoltosas o mundo ameaçador que cerca a vida. Assim, a esperança é a âncora que mantém a igreja em seu firme desígnio.

---

<sup>221</sup> MOLTMANN, J. *No fim, o início*, p. 115.

Todavia, é possível construir outra imagem que se relaciona melhor com o conceito de esperança até aqui exposto. Se pensar a esperança a partir de sua ação transformadora e de sua força vital, então a comparação não pode ser feita com a âncora, instrumento que fixa e mantém a embarcação no lugar, mas sim com as velas que impulsionam a embarcação para frente. As velas não empurram a embarcação por si só, mas captam as forças propelidas pelo vento, tirando da inércia e conduzindo a embarcação para a navegação. Assim, é a esperança que move o indivíduo em direção ao futuro almejado. Portanto, melhor se relaciona com a esperança a ideia de movimento e caminhada; partida em direção ao esperado.

### 3.1.2 Orar e vigiar: despertar para a realidade

Tendo em vista o episódio ocorrido no jardim do Getsêmani, Moltmann alerta para a necessidade da vigilância e da oração. A noite de Deus<sup>222</sup> deixa angustiada e triste a alma de Jesus (Mt 26:37). Jesus conhece a angústia de modo extremo, até seu suor torna-se como gotas de sangue (Lc 22:44), experimenta o medo, a perturbação perante a morte e o terror diante do abismo do nada.<sup>223</sup> Essa experiência profunda do abandono de Deus é experimentada por Jesus, que trava sua luta contra a fraqueza humana a partir da oração.

Na oração de Jesus, há dois momentos a serem destacados: primeiramente Jesus comunica sua vontade ao Pai, seu desejo de filho e ser humano envolto de uma realidade trágica e pavorosa, de onde não seria possível vislumbrar a necessidade do sofrimento e aflição. Em um segundo momento, Jesus submete seus desejos à apreciação e vontade do Pai. Sai de si em direção àquele com quem se relaciona através da oração. Seu coração se dirige a Deus<sup>224</sup> numa relação viva e profunda. Tal relação só é possível pela confiança extrema, pela fé é possível reconhecer a vida além de nossas próprias forças.

A oração de Jesus é prescindida pela séria advertência: “permaneçei aqui e vigiai comigo” (Mt 26:38), porém os três discípulos não vigiam, dormem, “pois seus olhos estavam pesados de sono” (Mt 26:43). Para Moltmann, o vigiar é acrescentado

---

<sup>222</sup> Para Moltmann, a expressão noite de Deus equivale a “noite escura da alma” termo que designa a crise espiritual e o sentimento de dúvida e de abandono de Deus. É descrita pelo frade carmelita São João da Cruz no poema *La noche oscura del alma* escrito no século XVI.

<sup>223</sup> RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*, p. 221.

<sup>224</sup> Catecismo da Igreja Católica, nº 2559.

à oração por meio da esperança. É a oração um convite para o “chamando messiânico de despertar para vigiar”.<sup>225</sup>

O orar especificamente cristão sempre está associado ao despertar para o vindouro, seja no medo diante do mal e das catástrofes, ou na esperança do Reino de Deus. O ato de vigiar desperta todos os sentidos para o vindouro. Vigiar e estar sóbrio, vigiar e esperar, vigiar e ficar de olhos bem abertos estão correlacionados na fé messiânica.<sup>226</sup>

O sono que recai sobre os discípulos mais próximos de Cristo é o mesmo sono que atinge a sociedade e que não permite agir diante e contra o mal que se estabelece a partir de sua inatividade. O sono é a omissão e fuga diante dos males insuportáveis, diante da necessária ação humana para a promoção de paz e justiça social. O sono entorpece as pessoas diante do que não apresenta respostas, as distrai diante da dor e do sofrimento do próximo, torna-as ausentes para irmãos em sua busca. É um “entorpecimento mórbido dos sentidos: de olhos abertos nada se vê; de ouvidos atentos, nada se ouve; passa-se a total insensibilidade, ao estado de rigidez, apesar de o corpo estar vivo”.<sup>227</sup> Assim como os discípulos no Getsêmani, encontrou-se um meio mais fácil de viver as fraquezas e angústias, uma ilusão que faz ver através dos próprios desejos e necessidades, uma verdade pela metade, uma conveniência vã. Diante do sono, é preciso despertar.

Moltmann aborda o sentido da vigilância e da oração como um despertar para o próprio Cristo ressurreto e as realidades que se abrem a partir da perspectiva do futuro em Cristo. É preciso despertar para uma realidade em que se reconheça o Cristo que “nos espera nos pobres, doentes, fatigados e sobrecarregados”.<sup>228</sup> Assim, a oração assume um caráter libertador, no sentido de abrir os olhos para aquilo que realmente tem relevância e é caminho para o ser humano. Ao contrário das ilusões modernas, a oração é “acordar do mundo mudo da modernidade e retornar à solidariedade cósmica de todas as criaturas”.<sup>229</sup>

Na oração desperta-se para o mundo tal qual ele se revela em seus altos e baixos diante de Deus. Percebe-se o suspirar das criaturas e ouve-se os gritos das vítimas mutiladas. Ouve-se também o hino de louvor da primavera florida e sente-se

<sup>225</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 19.

<sup>226</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 19.

<sup>227</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 103.

<sup>228</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 19.

<sup>229</sup> MOLTSMANN, J. *A fonte da vida*, p. 137.

aquele amor divino por todos os seres vivos. Portanto, a oração a Deus desperta todos os sentidos, proporcionando uma enorme vigilância no espírito.<sup>230</sup>

A oração, para Moltmann, é um caminho a ser percorrido e aprendido.<sup>231</sup> Deve, sobretudo, ser entendida como um esperar e apressar a vinda do futuro de Deus. O autor entende o *esperar*, não como “um aguardar passivo, mas um esperar ativo”.<sup>232</sup> *Esperar* adquire um sentido de não-convivência com as condições do mundo, de não-conformismo com a realidade de injustiça social. É resistir às tentações de sucumbir à corrupção e violência presentes na sociedade. É, pela fé, permanecer fiel ao evangelho e acreditar que à luz de Cristo, esse mundo pode ser melhor do que se apresenta. É, segundo Bonhoeffer, quando “a forma de Jesus Cristo adquire forma no ser humano”.<sup>233</sup> e assim persiste com fidelidade e esperança na justiça de Deus. É estar atento à vida e estar sóbrio para não se deixar enganar pelas ilusões que retiram as pessoas da realidade, é “despertar todos os meus sentidos para a vida, para as realizações e para as decepções, para a dor e para a alegria”.<sup>234</sup>

O *apressar* que o autor apresenta refere-se a se movimentar na direção do que se aguarda, ou seja, “antecipar o futuro que esperamos”.<sup>235</sup> É perceber na criação o lugar onde é possível viver com dignidade, onde é possível sonhar com a supressão dos males e dos sofrimentos decorrentes da falta de justiça. Contudo, é oferecendo ao mundo o esforço e realizações para que uma nova e digna realidade se estabeleça que se apressa a vinda do Reino. Assim, apressar significa acima de tudo se colocar a caminho e criar condições para que as transformações desejadas possam de fato acontecer, no âmbito do que é possível ser conquistado pelo ser humano. O princípio é “não aceitar as coisas como elas são hoje, mas vê-las como podem ser naquele futuro e realizar agora esse poder-ser, significa fazer jus a esse futuro”.<sup>236</sup>

<sup>230</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 106.

<sup>231</sup> MOLTSMANN, J. *A fonte da vida*, p. 139.

<sup>232</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 20.

<sup>233</sup> BONHOEFFER, D. *Ética*, p. 56.

<sup>234</sup> MOLTSMANN, J. *No fim, o início*, p. 107.

<sup>235</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 21.

<sup>236</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 21.

### 3.1.3 Missão Cristã: restauração da vida

Na teologia de Moltmann a compreensão de missão cristã relaciona-se diretamente com a missão de Deus. Nela, a religião não se torna uma prática dominadora em relação às pessoas, mas um instrumento de reconhecimento à dignidade humana. Ainda, o teólogo define Missão de Deus como sendo o envio do Espírito do Pai por intermédio do Filho a este mundo.<sup>237</sup> Assim, é derramado sobre toda a criação o espírito da vida, que por e em Cristo, se torna presença sentida no mundo. O espírito de Deus, aqui compreendido como força vital de Deus, presente desde o início da criação, passando pelos profetas, presença permanente em Jesus, é o “verdadeiro começo do Reino de Deus e da nova criação na história”.<sup>238</sup> Em Jesus, o eterno se faz sentir no presente, pela força restaurativa da vida, que se encontra no próprio Cristo como sinal de plenitude e de incorruptibilidade.

Missão é uma expressão que circula comumente dentro das igrejas, porém o seu significado confunde-se com as atividades e tarefas pastorais ou se distorce pela propaganda evangelizadora. Durante muito tempo o termo missão associou-se à expansão do cristianismo, ou à expansão das igrejas e santuários pelo mundo, numa tentativa de dar cumprimento ao estabelecido e ordenado pelo próprio Cristo pouco antes de sua ascensão ao céu: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt, 28,19). Porém, a evangelização por vezes assumiu um caráter de conquista, de imposição e dominação. A missão fora durante um período infeliz do cristianismo um pretexto para exercer o domínio e soberania sobre povos vencidos. Para Érico Hammes, é um período onde “todas as pessoas estavam, de certa forma, coagidas a serem cristãs”.<sup>239</sup> Nesta perspectiva, a cruz deixa de ser o símbolo da misericórdia e amor de Deus para com a humanidade e passa a ser, impiedosamente nas bandeiras, vestimentas e armas de soldados, o emblema e símbolo do poder econômico, político e religioso do mundo ocidental. A imposição da fé foi um contra-testemunho do evangelho, tornando uma grandiosa civilização cristã que ainda precisa ser convertida em Cristo. Em outros momentos a evangelização embora não seja imposta, também carece de subsídios para o seguimento do catequizado a uma

<sup>237</sup> MOLTSMANN, J. *A fonte da vida*, p. 27.

<sup>238</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 151.

<sup>239</sup> HAMMES, E. (Org.). *Fé e cultura*, p. 139.

nova perspectiva de vida. A missão confiada por Jesus de evangelização destacava a necessidade do acompanhamento e auxílio para as novas comunidades de catequizados: “Ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei.” (Mt 28,20)

Para Moltmann, missão se caracteriza por um movimento de vida e movimento de restauração<sup>240</sup> e, assim, não se pode afirmar que pertencer a uma ou outra religião é garantia de salvação. Segundo o autor, a missão de Deus é a missão do Espírito Santo e, assim sendo, é “a missão da nova vida”<sup>241</sup>. Isso significa muito mais do que a prática ritualista das igrejas ou os valores atuais da civilização cristã. Não pode ser essa vida de privações da dignidade, de injustiça e sofrimento, a representação da vida de uma sociedade convertida e alicerçada no evangelho de Cristo. A vida nova em Cristo é mais de que um rompimento total com as forças destrutivas da morte, além de sua inteira negação, é um não consentimento e não aceitação do pecado. A vida é uma força que impele a transformar a realidade tendo em vista o reino vindouro. Deste modo, como escreve o Papa Paulo VI ainda em 1975, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, precisa-se não de converter grandes massas ou expandir a conversão geograficamente, mas os cristãos necessitam de uma conversão para a verdadeira missão de Deus, conversão para a vida no Espírito Santo que oferece a energia para “modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação”<sup>242</sup>.

A grande questão a ser resolvida parece ser o fato de que mesmo numa sociedade declaradamente Cristã, criam-se estruturas injustas onde o mal que não se quer, sobressaia-se em relação ao bem que se faz. O Catecismo da Igreja Católica alerta para uma conversão, de modo a realizar as necessárias e urgentes mudanças na sociedade, e dar atendimento a uma “justa hierarquia dos valores que subordina as necessidades materiais e instintivas às interiores e espirituais”<sup>243</sup>.

Em Santo Agostinho a questão da origem do mal passa pela reflexão de que todas as coisas criadas por Deus são boas, e, sendo Deus o único criador, o mal não vem de Deus, mas do próprio ser humano e que todo pecado consiste em uma

---

<sup>240</sup> MOLTSMANN, J. *A fonte da vida*, p. 27.

<sup>241</sup> MOLTSMANN, J. *A fonte da vida*, p. 28.

<sup>242</sup> PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, n° 19.

<sup>243</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n° 1886.

escolha desordenada de bens. Assim, segundo Agostinho, é possível afirmar que o mal provocado no mundo está diretamente ligado às escolhas dos bens que se faz. Os critérios que se usa para fazer as escolhas estão diretamente ligados ao sistema de princípios e valores que balizarão a própria ética e o agir no mundo. Em uma sociedade onde os bens superiores são meios para alcançar os bens inferiores, a ocorrência de todo tipo de mal passa a ser inevitável. Como exemplo, essa inversão de valores acontece quando a humanidade preza mais pelo dinheiro (bem inferior) do que pela vida (bem superior), submetendo a segunda para o alcance da primeira. Eis o pecado, que é consequência das escolhas humanas. O pecado é um mal, sendo fruto de uma escolha errada de bens. Em si o pecador pensa estar fazendo o que é certo, mas suas escolhas apenas priorizam um bem menor, ocorrendo o mal.

Os valores norteadores do evangelho são a resposta perfeita para uma sociedade em crise de sentido e de estruturas que não favorecem a vida. Ainda no Catecismo da Igreja Católica, são os valores do evangelho de Cristo que “devem animar e orientar a atividade cultural, a vida econômica, a organização social, os movimentos e os regimes políticos, a legislação e todas as outras expressões da vida social em contínua evolução”<sup>244</sup>. Moltmann define a necessidade de uma ética cristã, que seja de fato o seguimento de Jesus.

Numa sociedade pós-cristã, porém, e especialmente nas contradições mortais para as quais o moderno sistema social conduziu a humanidade e a natureza, o *etos* cristão específico e reconhecível do discipulado de Jesus aparece publicamente. Nessa situação não se pode mais separar fé em Cristo e ética. A noção de que Cristo é o único Salvador e Senhor não pode ser restrita à fé, mas tem que abranger a vida toda<sup>245</sup>. Em Moltmann, cristologia e cristoprática se fundem e a partir dessa compreensão Cristo também é reconhecido na experiência e na prática da vida, em comunhão entre a dimensão espiritual e o seguimento fidedigno dos valores anunciados no evangelho. A própria vida do cristão é anúncio e testemunho da misericórdia e solidariedade, do comprometimento com uma prática de valorização da pessoa e da vida, questionando o sofrimento, a violência e a morte, pelo confronto da realidade social com a realidade do Reino de Deus, é ainda consciência crítica que pela esperança transforma a pessoa e sociedade.

---

<sup>244</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n° 1886.

<sup>245</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 186.

## 3.2 CULTURA DA VIDA

Na eclesiologia de Moltmann está presente a necessidade de uma mudança nas práticas pastorais. Essas mudanças devem seguir o conceito de que missão não se trata de difusão do cristianismo, pois mais que a disseminação da cultura ocidental cristã pelo mundo, é necessária a busca comum para a edificação de uma “cultura de vida”<sup>246</sup> em oposição e resistência às forças da morte. Essa cultura de vida supera o imperativo de expansão de igrejas e de fiéis em uma ou outra denominação religiosa, e está intimamente ligada à esperança pelo Reino de Deus. O termo cultura da vida aparece com muita força na Carta Encíclica *Evangelium Vitae* de 1995, e nela o Papa João Paulo II traz com clareza a ideia de uma “cultura da vida humana, para a edificação de uma autêntica civilização da verdade e do amor”<sup>247</sup>. Trata-se de um esforço no sentido de conscientizar em favor da vida e assinalar para o valor incomparável da pessoa humana diante de tudo o que ameaça essa vida. Ao compreender-se cultura como sendo a expressão de um sistema de valores de uma sociedade, pensar a cultura da vida implica em almejar a vida como sendo fundamento máximo de uma sociedade. Assim, a vida seria defendida em todas as suas dimensões e possibilidades, criando-se um ambiente favorável a seu pleno e integral desenvolvimento. Para auxiliar na compreensão do que é a vida, este item aborda os seguintes temas: cultura da morte e cultura do Reino de Deus; sacralidade da vida; dignidade humana.

### 3.2.1 Cultura da morte e Cultura do Reino de Deus

O caso é que a sociedade atual celebra culturalmente a presença da morte. Não de forma totalmente explícita, mas encontra-se a morte preenchendo o vazio sem sentido em que a vida se tornou para a sociedade moderna. Para Moltmann, o grande perigo é que a vida deixou de ser amada<sup>248</sup>, para que a própria morte não afete demasiadamente. A morte deixa de ser temida. A cultura da morte também é estampada nas telas de cinema, nas propagandas, outdoors, vídeo game, propagandas comerciais, enfim, fazem parte do cotidiano do entretenimento, com

<sup>246</sup> MOLTSMANN, J. *A fonte da vida*, p. 28.

<sup>247</sup> JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae*, n° 5.

<sup>248</sup> MOLTSMANN, J. *Ética da esperança*, p. 59.

poucas exceções, a mentira, roubo, vingança, assassinatos, ódio, intolerância, etc. A morte é um produto do entretenimento e a sua banalização constante resulta no não-amor à vida. O terror e a violência da morte fazem parte da sociedade em todas as suas formas, principalmente nas suas formas mais injustas como a privação da justiça e da esperança. A morte é também a fome, miséria, solidão, depressão, indignância, desalento e tantas outras formas que se fazem presentes no dia a dia das pessoas. Morte é mais do que o fim físico, é “estar longe de Deus e ter Deus longe de si”<sup>249</sup>. É a humanidade que se separa do Criador, afastando-se do louvor e da promessa.

Na raiz da cultura de morte está a perda da dignidade humana e do sentido da vida. Na civilização técnico-científica a vida humana é colocada muitas vezes apenas numa perspectiva instrumental, permitindo, assim, pelas mais variadas formas, sua manipulação e domínio. Chega-se ao ponto de escolher as vidas dignas de serem vividas e aquelas que devem ser rejeitadas por serem consideradas impróprias, quer no seu momento inicial ou derradeiro. O absolutismo da técnica moderna passa a instrumentalizar a vida humana alimentando “uma concepção material e mecanicista da vida”<sup>250</sup>. Essa perspectiva não reconhece o valor da vida no seu sentido transcendente e espiritual. De igual forma, a influência de outros fatores da sociedade moderna como o consumo, individualismo e poder, indica uma visão utilitarista da vida, desprovida de sua essência e valor. Conforme a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, através do Documento de Aparecida, “o consumismo hedonista e individualista, que coloca a vida humana em função de um prazer imediato e sem limites, obscurece o sentido da vida e a degrada”<sup>251</sup>.

Para Moltmann, deve ser feita uma distinção entre *bíos* e *tzoé*. Diferentemente do que ocorre no latim onde vida é *vita*, no grego existem duas fórmulas que correspondem à vida. Enquanto *bios* se refere à vida biológica que os humanos têm em comum com toda a natureza, *tzoé* se refere à vida consciente e especificamente humana<sup>252</sup>. *Tzoé* é a vida imensurável, incontável, que transcende a matéria e as fórmulas previsíveis da técnica. É a totalidade da vida. É a

<sup>249</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 264.

<sup>250</sup> BENTO XVI, *Caritas In Veritate*, n° 75.

<sup>251</sup> CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida*, n° 357.

<sup>252</sup> MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica*, p.127.

vida que se produz no Espírito vivificador como vitalidade eterna do amor<sup>253</sup>.

A vida quando não compreendida na sua totalidade passa a ser ameaçada pelas vozes operantes de um sistema injusto e perverso que se propaga velozmente pelos meios de comunicação e pela própria organização social. Em nome das liberdades individuais e do tão proclamado estado democrático de direito do mundo ocidental, traça-se políticas públicas contraditórias, que por um lado prestam o atendimento às pessoas mais fragilizadas pela sociedade, e por outro lado, reproduzem os meios para que poucos dominem sobre muitos. O Documento de Aparecida afirma que contrariamente à noção de dignidade humana, pode-se perceber que “o impacto dominante dos ídolos do poder, da riqueza e do prazer efêmero tem se transformado, acima do valor da pessoa, na norma máxima de funcionamento e no critério decisivo na organização social”<sup>254</sup>. Ainda, a compreensão de vida é parcial e relativa, e está sempre submissa à liberdade individualista, à defesa do prazer e bem estar e à fuga da dor e sofrimento, quando se promove publicamente a aceitação de políticas de aborto, eutanásia e pena de morte, criando aquilo que se pode denominar de violência institucionalizada contra a vida.

A cultura da morte, ancorada fortemente na sociedade moderna, é a imagem que contrasta com o Reino proclamado por Jesus. O reino apresentado por Jesus é o reino que para todos concede a vida em abundância (Jo 10:10). Não se trata da vida já conhecida, mas da vida eterna (Jo 6:47). O Reino de Deus presente em Jesus adverte à conversão, e a prática de valores como a caridade, fraternidade, misericórdia, partilha, comunhão, simplicidade, gratuidade, doação. Valores esses que devem ser vividos em vista da espera do Reino, mas já realizados no presente como modo de antecipar o futuro esperado de justiça e paz. Pode-se falar no Reino de Deus como um fermento (Mt 13:33), um projeto a ser construído com o auxílio humano que possui a vocação de seu acolhimento. Para o Catecismo da Igreja Católica, o ser humano é especial perante Deus, ele é chamado para o Reino e para a vida eterna, porém essa “vocação do homem para a vida eterna não suprime, antes reforça, o seu dever de aplicar as energias e os meios recebidos do Criador no serviço da justiça e da paz neste mundo”<sup>255</sup>.

---

<sup>253</sup> MOLTMANN, J. *Experiências de reflexão teológica*, p.127.

<sup>254</sup> CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida*, n° 387.

<sup>255</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 2820.

É necessária a afirmação de uma cultura do Reino de Deus, que questione, critique e contradiga a cultura de morte existente. Uma cultura que responda com a vida abundante que jorra de Jesus Cristo, e que se oferece para ser caminho para a ressignificação da existência humana. À luz do Reino de Deus, não é possível concordar com a realidade de dor e sofrimento experimentada por muitos, excluídos das relações sociais e debilitados na sua visão de mundo.

Mas as condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e sua dor contradizem este projeto do Pai e desafiam os cristãos a um maior compromisso a favor da cultura da vida. O Reino de vida que Cristo veio trazer é incompatível com essas situações desumanas. Quem pretende fechar os olhos diante destas realidades não é defensor da vida do Reino e situa-se no caminho da morte<sup>256</sup>.

O Reino de Deus e a vida eterna devem suscitar mudanças concretas na sociedade desde já, tornando-se “força por meio da qual a presente vida é transformada”<sup>257</sup>. A vida humana, compreendida em sua totalidade, dignificada pela história da salvação, é o alento para vencer, pelo amor e caridade, as dificuldades de sentido da sociedade moderna, propondo nova luz para a humanidade.

### 3.2.2 Sacralidade da vida

A vida humana é presente e dom de Deus, o ser humano é a obra especial da criação, pois é concebido à imagem e semelhança de Deus. A vida humana é sagrada porque comporta a ação criadora de Deus<sup>258</sup>. Não é fruto de um mero acaso, e por isso possui um caráter de dignidade inviolável. A vida humana é também projeto que tem um desígnio e encontra futuro no próprio Jesus Cristo que a dignifica e, assim, todos são chamados a um só e mesmo fim, que é o próprio Deus<sup>259</sup>.

A vida humana é sagrada por que Deus a sacraliza, ou seja, a santidade da vida está em relação a Deus, a quem pertence a vida. Fica clara, ao se tratar sobre formas de intervenções à vida, como o aborto ou eutanásia, mas também na forma

---

<sup>256</sup> CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida*, n° 358.

<sup>257</sup> MOLTSMANN, J. *A fonte da vida*, p. 30.

<sup>258</sup> JOÃO XXIII, *Mater Et Magistra*, n° 193.

<sup>259</sup> CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium Et Spes*, n° 24.

de relação com o próximo, a dificuldade da compreensão da sacralidade da vida. Essa dificuldade decorre da rejeição da autoridade da religião como norma moral, mas, sobretudo, da irrelevância de Deus para a sociedade moderna. A sociedade das liberdades, já não mais depende da fé em Deus, e também não condiciona suas decisões de acordo com a vontade divina, mas condiciona Deus à sua vontade. Para o teólogo Carlos Mesters, na sociedade burguesa moderna “Deus é colocado de lado como algo que não interessa como ópio, como contrário ao progresso, como motivo de alienação, como algo que não deve existir mais para ele: Deus morreu. Viva o homem”<sup>260</sup>.

Após o triunfo das revoluções burguesas, o mundo ocidental configurou sua forma de pensamento alicerçando seus valores no capital ou naquilo a que serve ao capital. A razão, conhecimento científico, a técnica, “encorajadas por considerações econômicas”<sup>261</sup>, segundo Max Weber, modelaram a sociedade moderna e atribuíram novos significados à vida humana. A liberdade tornou-se o mais cobiçado valor da sociedade, assim como o seu mais alto e nobre fundamento, possibilitando ao ser humano, a sua autonomia perante tudo o que lhe aprisionava, sendo que a própria ideia de Deus tornou-se incompatível perante a razão moderna, segundo Nietzsche, uma “resposta grosseira (...) uma grosseira proibição: não deveis pensar”<sup>262</sup>. Eis a morte de Deus. O mundo moderno se emancipa da tutela do Cristianismo e da Igreja<sup>263</sup>, e àqueles que fazem parte da sociedade burguesa “exigem autonomia no uso de sua razão e sua vontade”<sup>264</sup>.

O racionalismo confere um novo ponto de vista e a chave para leitura da realidade passa a ser o próprio ser humano. A perspectiva filosófica é centrada no ser humano, que surge como um ser livre, questionador e crítico. Deus representa a religião e o atraso, culpa e pecado, sofrimento e privação. A vida seria melhor sem Deus e as dificuldades enfrentadas pela humanidade seriam resolvidas por meio de um humanismo altruístico. Ao analisar a sociedade científica, Don Dadeus Grings afirma:

---

<sup>260</sup> MESTERS, C. *Deus, onde estás*, p.117.

<sup>261</sup> WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p.18.

<sup>262</sup> NIETZSCHE, F. *Ecce homo*, p. 25.

<sup>263</sup> GIBELLINI, R. *La teologia del siglo XX*, p. 133.

<sup>264</sup> MOLTMANN, J. *Sobre la alegría la libertad y el juego*, p. 89.

Com o aprimoramento das ciências e da técnica, foi se criando, principalmente a partir do século XIX, a convicção de que todos os problemas humanos poderiam ser resolvidos nesta base. O progresso, entendido no sentido científico e técnico, abria uma esperança quase infinita. Os problemas, que ainda não tivessem solucionado, mais cedo ou mais tarde, seriam resolvidos por novas descobertas científicas<sup>265</sup>.

Para Moltmann “o homem tornou-se consciente de seu poder, elevou-se à categoria de sujeito de sua história e assumiu a responsabilidade por seu futuro”<sup>266</sup>. Na realidade, as mudanças ocorridas na sociedade burguesa não deram fim às aflições humanas, em muitos aspectos aumentaram o sofrimento, pela escassez das condições mais básicas de sobrevivência por grande parte da população, mas principalmente, pela falta de sentido que a vida passa a ter. Quando o transcendente deixa de ter relevância, a vida humana não tem um fim último que lhe confira sentido para a existência além da hedonista visão do prazer momentâneo. Tudo é aceitável pela liberdade, a vida anseia tudo, mas perde-se no labirinto das diversas possibilidades irrestritas. O preço da liberdade é pago na mesma proporção pela insegurança que gera<sup>267</sup>. Nada dura mais que o momento, não existe compromisso mais duradouro do que sua conveniência<sup>268</sup>. O tempo é o agora. Irresistível, sedutor e fugaz.

O mundo que perde a noção de Deus perde também a noção do sagrado. Quando se perde a noção do sagrado, desvirtua-se a própria concepção do que é a vida. À medida que a sociedade moderna vive de suas negações (nega a existência de Deus, a eternidade, o transcendente) não tem forças para ver na vida um sentido positivo e propositivo. Também nega a vida. A vida passa a estar, como tudo na sociedade de consumo, submetida à necessidade de satisfação, de prazer, e, assim sendo, também passa a ser absolutamente descartável.

O ser humano não pode viver sem Deus. Quando ele faz esta escolha comete novamente o pecado original e, desejando sua autossuficiência, encontra a morte (Gn 2:17). A sociedade pode restabelecer o reconhecimento pelo valor da vida, mas não sem antes voltar-se para o próprio Deus que sacraliza a vida. Deus é o dono da vida, do começo ao fim. A vida começa muito antes de nascer (Jr 1:5) e vai para

---

<sup>265</sup> GRINGS, D. *A descoberta científica de Deus*, p. 17.

<sup>266</sup> MOLTSMANN, J. *Que es a teologia hoy*, p. 17.

<sup>267</sup> BAUMAN, Z. *A sociedade individualizada*, p. 202

<sup>268</sup> BAUMAN, Z. *Globalização as consequências humanas*, p. 89

muito além de morrer (1Jo 1:25). A promoção da vida humana passa pela promoção de uma fé verdadeira no Senhor da vida. Assim entender-se-á que a vida não é algo que aconteceu, ela está acontecendo e sua meta última é o próprio Deus.

### 3.2.3 Dignidade humana

Vida deve ser compreendida acima de tudo como dom gratuito de Deus, sem distinção, sem negação. A vida humana é digna em si mesma, pois como criatura amada por Deus, foi feita a Sua imagem e semelhança. A vida humana participa da vida divina pelo Espírito e tem sua destinação para a bem-aventurança eterna<sup>269</sup>. É para as pessoas, presente do amor de Deus, que “deseja viver e dar a vida”<sup>270</sup>. Portanto, a dignidade humana se relaciona e se associa ao amor de Deus, ela existe em relação a Deus, e ao valor que Ele a confere. O ser humano torna-se semelhante a Deus tanto quanto corresponde e expressa esse amor de Deus que também deseja ser amado. Portanto, fica explícito que o ser humano é a criatura especial perante Deus, aquele cuja existência coroa e completa a criação. Para o papa João Paulo II, é a criatura capaz de se relacionar e louvar o criador, pois “a vida que Deus oferece ao homem, é um dom, pelo qual Deus participa algo de Si mesmo à sua criatura”<sup>271</sup>.

O ser humano é especial perante Deus porque dispõe, a partir do próprio amor, consciência de si e a liberdade para aceitar ou não esse amor. Por meio de sua liberdade, a humanidade rompe sua relação com o criador, macula seu espírito e provoca a maldade. O pecado original, ainda hoje cometido, foi o ser humano recusar assumir a vida como se devia<sup>272</sup>, o não reconhecimento e louvor ao Criador de todas as coisas, a desobediência à lei de Deus. A queda da humanidade aconteceu e acontece no momento em que Deus é recusado como seu Senhor. A criatura corrompida pelo pecado da cobiça e inveja, transfigura-se numa imagem que resplandece a iniquidade e que nada se assemelha ao projeto inicial de Deus. Mas o ser humano é deste modo porque assim ele escolhe.

---

<sup>269</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n° 1703

<sup>270</sup> MOLTSMANN, J. *Trindade e Reino de Deus*, p. 70.

<sup>271</sup> JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae*, n° 32.

<sup>272</sup> MESTERS, C. *Paraíso terrestre*, p. 60.

É preciso outra vez a intervenção divina, e Deus age novamente na história de seu povo com vistas à regeneração da humanidade, pois “Deus amou de tal maneira o mundo, que deu seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. (Jo 3:16). A vinda de Jesus objetiva a restauração do pecador e a consolidação da nova e eterna aliança. A boa nova do evangelho de Cristo confere novamente a dignidade aos sofredores e excluídos pela sociedade, aos degenerados pela perversidade do mal. Deste modo, para Moltmann, “Cristo se entregou à humilhação e abandono para fazer-se irmão dos humilhados e abandonados e para levá-los ao Reino de Deus”<sup>273</sup>. O sacrifício vicário de Cristo reergue as criaturas caídas pelo pecado, restabelece o ser humano a partir da sua dignidade e torna possível a sua semelhança e imagem de Deus.

Se os males decorrem da ingênua noção de autossuficiência adotada pelo ser humano, Cristo é o modelo de entrega e doação, exemplo perfeito de obediência a Deus onde, para Jesus, “estar unido à vontade do Pai é a sua razão de viver”<sup>274</sup>, conforme o papa Bento XVI. O ser humano por sua liberdade e diante da possibilidade de escolha, optou pela desobediência, ambicionando ser também ele como um deus (Genesis 3:5) assim “não reconhecendo os seus limites e, apesar disto, fazendo questão de afirmar-se, tornando-se totalmente autárquico”<sup>275</sup>. A busca pela sua autonomia o lança para o cativo da morte, pois “aquele que quiser salvar a sua vida, a perderá” (Mt 16:25). Isso porque não há sabedoria nem conhecimento, ou de forma alguma há vida longe da presença de Deus. Por outro lado, tem-se em Jesus a obediência que contrasta com a prepotência humana. Mas a obediência de Jesus a sua missão foi fruto de uma escolha? Poderia Jesus ter optado por outro caminho?

A história da tentação de Cristo no deserto segue logo após o seu batismo, quando Jesus abraça os pecados da humanidade e é instituído formalmente no seu ministério<sup>276</sup>. O espírito conduz Jesus até o deserto para que possa ser tentado pelo diabo (Mt 4:1) e assim dá início a um conjunto de tentações que precisam ser relacionadas diretamente com o propósito de Cristo e a maneira de realizar a sua missão. São chamadas de tentações messiânicas, pois indicaria, a partir de uma

---

<sup>273</sup> MOLTSMANN, J. *Cristo para nosotros hoy*, p. 38.

<sup>274</sup> RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*, p. 137.

<sup>275</sup> RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 225.

<sup>276</sup> RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*, p. 39.

observação parcial e frágil da realidade, outra forma de conduzir a missão, distinta da vontade de Deus e que conduziria indiretamente para o mal. Contrastando com a imagem do paraíso, o deserto em que Jesus é tentado exprime a necessidade urgente da interferência sobre o sofrimento humano. O tentador sabe que Jesus quer o bem, e oferece soluções práticas e simples para alcançar o seu propósito. Soluções estas que não condizem com o projeto divino, que, segundo o papa Bento XVI “constrói um mundo autônomo, sem Deus”<sup>277</sup>. Para François Varone, as tentações sofridas por Jesus podem também ser sintetizadas em uma só, a mesma que atinge toda a humanidade, a tentação de “realizar seu desejo não na acolhida do dom de Deus que gera, mas pelos meios e pelo poder do próprio homem”<sup>278</sup>.

Jesus vence as tentações porque deposita sua missão na vontade do Pai, escolhe a obediência, e assim se sujeita ao caminho mais difícil: o da impotência, de vencer por meio do sofrimento e morte<sup>279</sup>. O tamanho sofrimento e a renúncia experimentada por Jesus, a sua marginalização no madeiro e a violenta e cruel morte sofrida, expressam na mesma proporção o amor de sua doação, “o amor que distingue a vida da morte”<sup>280</sup>. Jesus se fez grande porque amou, e, amando esvaziou-se de si, “abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz” Fl 2:8.

Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, n'Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo também nas pessoas foi ela elevada à sublime dignidade. Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada ser humano. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano<sup>281</sup>.

Cristo redime o ser humano na cruz, a sua expiação é pelos pecados de todos, sua morte reconcilia a criação arruinada pelo pecado. E é, não apenas na experiência da cruz, mas na força da ressurreição que Jesus coroa a dignidade humana. A ressurreição dignifica toda a vida humana, sua luz não é apenas sinal para o futuro que se abre a partir dela, mas também “de modo retrospectivo sobre os

<sup>277</sup> RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*, p. 41.

<sup>278</sup> VARONE, F. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*, p. 64.

<sup>279</sup> MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 152.

<sup>280</sup> MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica*, p.129.

<sup>281</sup> CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium Et Spes*, n° 22.

campos cheios de mortes da história”<sup>282</sup>. Jesus é o novo Adão, o novo homem que pelo qual a imagem da humanidade é restaurada e dignificada.

---

<sup>282</sup> MOLTMANN, J. *El Dios crucificado*, p. 225.

## CONCLUSÃO

O ser humano é um ser que deseja a plenitude, a felicidade e vive seus dias com uma inquieta e angustiosa busca. Um caminho, uma forma, um encontro que possibilite repousar sua alma, preencher seu vazio. Assim pode-se imaginar um pequeno rio que segue seu destino, encontra-se com outros rios, mistura-se, funde-se e através dessa experiência ganha forças, tornando-se maior para correr em direção a algo que ainda não conhece, mas que deseja como fim de sua existência. Nada se coloca em seu caminho a ponto de lhe impedir que prossiga e avance rumo ao desconhecido e misterioso mar. Mais uma vez repete a experiência de unir-se a algo do qual compartilha a mesma essência e verdadeiramente encontra o seu sentido. Após ter percorrido o caminho da teologia de Moltmann e sua análise da sociedade moderna ocidental, depara-se com a seguinte questão: o ser humano busca a verdade, mas de fato, “o que é a verdade?” (Jo 18,38)

Diante da sociedade contemporânea, marcada pela subjetividade, é cada vez mais difícil considerar um valor que exprima universalidade como medida de juízo ou modelo para a tomada de decisões seguras. O que é certo ou errado passa a ser uma avaliação subjetiva e dependente do ponto de vista tomado por juízo. Não crer no absoluto é uma imposição da sociedade, que vislumbra cada vez mais a possibilidade de criação de verdades mais simples, mais cabíveis dentro da usualidade comum. A verdade vai se adequando às necessidades de cada indivíduo, de acordo com seus desejos, ambições, tempo, cobiças. A verdade passa a ser submetida à conveniência. O tempo é algo que foge do controle do indivíduo moderno, os dias parecem mais curtos e os compromissos mais intensos. Pela pressa, vive-se a superficialidade. Nada pode tirar a possibilidade de experimentar tudo, para isso a pressa se torna critério para julgamento e a verdade passa a ser submetida à pressa.

Outro aspecto é que, para a cultura contemporânea, credita-se como verdadeiro aquilo que pode ser tomado pela ciência, ser avaliado e entregue em fórmulas para a recriação. Se não se pode explicar, testar, reproduzir e controlar, não é científico, ou melhor, não é verdadeiro. A técnica sobrepõe-se a qualquer argumento para delimitar o conceito de verdade. É a tendência moderna de “aceitar como verdade apenas a da tecnologia”<sup>283</sup>. A verdade associa-se à ideia de conhecimento e a única forma válida de conhecimento é a ciência, ou seja, é tomado como certeza “somente aquilo que o homem pode reproduzir quantas vezes quiser, através da experiência”<sup>284</sup>. A verdade passa a ser submetida à ciência. Mais uma dificuldade que se relaciona à questão da verdade é que, em sua maior parte no mundo ocidental, os estados democráticos de direito preconizam que a vontade da maioria seja o parâmetro para a tomada de decisões. A democracia é aceita como o único sistema político legítimo, pois a população tem a proclamada liberdade e poder de escolha. Também se trata de interesses particulares levados a público e legitimados por uma maioria desconhecadora da profundidade do problema em questão. O que a maioria acredita passa a se constituir uma verdade autêntica e, portanto, irrefutável. A verdade passa a ser submetida à maioria.

Evidentemente que em uma sociedade pluralista o conceito de verdade assume um caráter de “ponto de vista”, porém, esse relativismo também se torna obrigação e imposição, como uma ditadura<sup>285</sup>. Muitas são as tentativas de alçar um ateísmo como condição natural humana e como símbolo de clareza intelectual. Essa intolerância para com a fé cristã é uma dificuldade que se articula no campo cultural. O certo é que a relativização da verdade não oferece resposta apropriada para as buscas humanas, ao contrário, confunde, ilude e revela uma fragilidade espiritual daqueles que tomam a si próprios como medida e parâmetro de suas vidas. A crise em relação aos sentidos é reflexo de uma cultura onde se exclui Deus das relações humanas e não se reconhece a importância do transcendente e do mistério, fazendo com que a vida perca essa dimensão. Cria-se uma nova sociedade marcada pela intolerância e pelo ceticismo, transformando o tempo em lugar de individualismos e relativismos. A razão colocada como luz para o mundo ofereceu-se como resposta e caminho para a superação das mazelas humanas e associou a fé com a

---

<sup>283</sup> FRANCISCO, Lumen Fidei, n° 25.

<sup>284</sup> RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 22.

<sup>285</sup> RATZINGER, J. *Luz do Mundo*, p. 72.

escuridão<sup>286</sup>. Explorar o mundo da razão, desassociado da fé, permitiu novas fórmulas de saber, conhecimentos que favoreceram muitos aspectos da vida humana, mas de forma alguma conduziu a humanidade a uma autonomia autêntica. Para o cristão a verdade é objetiva e exata: A luz dos povos é Cristo<sup>287</sup>. A luz é identificada com a verdade, e essa, por sua vez, com o próprio Cristo. A luz dessa verdade que orientou o caminho das primeiras comunidades deve ser novamente restabelecida como caminho e destino para a humanidade. Somente a partir da verdade incontestável de Cristo pode-se auferir sentido a vida humana. A dignidade e a sacralidade da vida somente são compreendidas à luz dessa verdade. O critério a ser estabelecido para a reflexão da vida, morte, justiça, paz e liberdade deve ser necessariamente o Cristo caminho, verdade e vida.

Para Moltmann, a igreja deve recusar ser aquilo que a sociedade espera ou, de certo modo, pressiona para ser, assumindo a sua missão de ser a antecipadora do futuro, confirmado e aberto pela ressurreição de Cristo. Desse modo, a igreja é concebida como “comunidade escatológica de salvação”<sup>288</sup>. No horizonte da Igreja está o Reino de Deus, não apenas como sentido e direção, mas como futuro que deve ser esperado e construído por ela. Por isso, para o autor, a igreja deve estar inserida no cenário político, social, econômico, ecológico, enfim, diante de todas as dimensões que afetam a vida humana. A missão da igreja é lançar um olhar crítico para a realidade e ser militante na ação transformadora do Espírito Santo. É tarefa da igreja conduzir a sociedade para o horizonte da esperança. Moltmann define que “somente quando Cristo reina como soberano e a igreja escuta unicamente a sua voz, está na verdade, se liberta e atua de um modo libertador sobre o mundo”<sup>289</sup>.

Na *Lumen Gentium* a igreja é concebida como um mistério, no sentido de ser transcendente, que ultrapassa a sua compreensão, mas que também envolve as pessoas. É apresentada à luz do mistério de Deus uno e trino e à luz do mistério de Jesus Cristo ressuscitado que confere à Igreja a missão de continuar a obra salvífica divina. A humanidade afasta-se do propósito da criação de Deus e envereda para um caminho de desobediência ao criador e sofrimento diante dessa escolha. A bondade divina intervém em favor da humanidade, enviando o Filho para a remissão

---

<sup>286</sup> FRANCISCO, *Lumen Fidei*, n° 3.

<sup>287</sup> CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, n° 1.

<sup>288</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança*, p. 404.

<sup>289</sup> MOLTSMANN, J. *La Iglesia fuerza del Espiritu*, p. 21.

dos pecados e libertação. A Igreja é o germe do Reino de Deus, pois é a continuadora da obra de salvação pela força do Espírito Santo. Sua missão é “anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus”.

É mistério, portanto, pois o reino de Deus está presente e se manifesta nessa igreja que peregrina confiante rumo à consumação dos tempos. A igreja é mistério de comunhão, assim como na trindade, oferece um modelo perfeito de comunidade para a humanidade, onde todos são convidados a formar uma comunidade de amor. Comunidade porque a salvação não é individual, mas passa pelo coletivo e o amor é a medida para criar relação com o próximo, especialmente os mais necessitados e excluídos. Jesus é a verdade e a igreja é luz para os caminhos de uma sociedade desorientada, esta certeza oferece esperança em tempos de desorientação e relativismos.

A condição humana atual, apresentada por Moltmann em sua obra teológica, se dá num contexto de crises. Essas crises decorrem, sobretudo, da moderna civilização científica e burguesa. Moltmann afirma que o mundo ocidental, com suas crenças e valores alicerçados no capital, tornou-se um novo cativo<sup>290</sup> e que é imperativo o enfrentamento desse mundo. Um novo êxodo é necessário para romper com os valores atuais tendo em vista o futuro de Cristo e do Reino. É evidente o forte tom social que carrega o seu discurso e a preocupação com o lado oprimido da história da dominação ocidental. Nesse sentido, a esperança assume um papel libertador da humanidade, igreja, natureza, enfim, de tudo no qual está presente o Espírito de Deus. O mundo remido pelo sacrifício de amor de Cristo ainda aguarda a sua completa glória. A esperança de Moltmann coloca o ser humano como partícipe, uma agente da criação do mundo vindouro, devendo, portanto agir no presente para *apressar* a vinda do Reino. Esse agir cristão acena para uma dimensão ética da soteriologia.

De nada adianta ao indivíduo ter esperança se esta não for Cristã. Assim como não tem relevância ser cristão apenas como uma ocupação vaga que em nada modifica sua forma de ver e agir em sociedade. Para Moltmann, ser cristão é ser um sinal, num mundo de conflitos e violência, de uma viva esperança capaz de trazer a paz, solidariedade e justiça. Em Moltmann o sentido fundamental da salvação cristã está na centralidade do evento Cristo. É a partir de Cristo, sua vida, paixão, morte e

---

<sup>290</sup> MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 403

ressurreição que os seres humanos são libertos e salvos do pecado, mas também chamados a assumir a missão de serem Cristãos no mundo.

Não apenas os seres humanos, mas toda a criação ainda aguarda a glória de Deus. Com o conceito de *Shekinah*, Moltmann coloca claramente a importância da natureza no plano salvífico de Deus. A criação prepara-se para ser a morada eterna de Deus. É preciso romper com a dominação exercida pelo ser humano diante da natureza. O espaço vital em que o ser humano está inserido enseja uma relação de comunhão e não de dominação. Para tanto, é preciso uma compreensão mais ampla da vida, fora do contexto da técnica e da objetividade científica. A vida é dom de Deus e tudo o que vive anseia por Deus e sua justiça.

A perspectiva abordada por Moltmann segue a tríade: promessa, esperança e missão. O Deus veterotestamentário é o Deus da promessa que se realiza na história de seu povo. A partir da ressurreição de Cristo abre-se a promessa no contexto do futuro escatológico, confirma antecipadamente a glória do Reino de Deus e a recriação de todas as coisas. O futuro aberto é escatológico porque assume o caráter de universalidade, o povo de Deus é todo ser vivo, e a base da nova criação está presente em Cristo (novo Adão) ressurreto. É nesse momento que surge a missão do Cristão e da Igreja de ser a lança indicadora do futuro em Cristo e a já transformação da realidade tendo em vista esse futuro. A ética é cristã quando pode orientar sua vida de modo que seja uma incessante busca pela verdade, paz e justiça, pela promoção da dignidade daqueles que menos condições têm de conhecer a vida de uma forma autêntica e feliz. Em um mundo de privações materiais e espirituais faz-se necessária a presença cristã para dar esperança e conforto, dar alento aos desesperados e marginalizados da sociedade.

A ética cristã supera o particular para uma consciência pública que atua fortemente na sociedade nos aspectos político e social. A participação na política, nas causas ambientais, na promoção de equidade e justiça social são consequências do agir Cristão. É dever do cristão, tendo em vista os valores do evangelho, uma atitude de não concordância com as estruturas que dominam e causa opressão e uma ação contrária a toda a violência infligida contra a criação de Deus. A esperança move o Cristão, atribui-lhe uma ética de cuidado e amor à vida, que colabora para a realização do Reino de Deus, fazendo da felicidade não apenas uma expectativa distante, mas uma realidade concreta e possível a partir da promessa e experiência de Cristo.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As Consequências Humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9 Ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Quando Cristo vem*. São Paulo: Paulus, 2001.

V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Documento de Aparecida. Disponível em: <[http://paroquiasaocamilo.org.br/noticias\\_cnbb/doc\\_aparecida.pdf](http://paroquiasaocamilo.org.br/noticias_cnbb/doc_aparecida.pdf)>. Acesso em 14 de Janeiro de 2014.

*Catecismo da Igreja Católica*. Disponível em <[http://www.vatican.va/archive/cc/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/cc/index_po.htm)>. Acesso em 14 de Janeiro de 2014.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

*Evangelhos e atos dos apóstolos: Novíssima tradução dos originais*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

GIBELLINI, Rosino. *La teología del siglo XX*. Espanha: Sal Terrae, 1998.

GRINGS, Dom Dadeus. *A descoberta científica de Deus*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

HAMMES, Érico João (Org). *Fé & cultura: Temas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio*. São Paulo: Loyola, 1995.

- MESTERS, Carlos. *Deus, onde estás?* Belo Horizonte: Vega S.A., 1976.
- MESTERS, Carlos. *Paraíso terrestre: Saudade ou esperança?* 20 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida: O Espírito Santo e a Teologia da vida.* São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Ciência e Sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia.* São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Ética da Esperança.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Experiências de reflexão teológica: Caminhos e formas da teologia cristã.* São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- \_\_\_\_\_. *La Iglesia fuerza del Espíritu: Hacia una eclesiología mesiánica.* Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme, 1978.
- \_\_\_\_\_. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança.* São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas.* São Paulo: Academia Cristã, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral.* 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia Cristã.* São Paulo: Teológica; Edições Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia.* 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_.; BASTOS, Levy. *O futuro da criação.* Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium, 2011.
- \_\_\_\_\_. *El Dios crucificado: La cruz de Cristo como base y critica de toda teología cristiana.* Salamanca, Espanha: Sígueme, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Sobre la libertad, la alegría y el juego: Los primeros libertos de la creación.* Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Qué es teología hoy? Dos contribuciones para su actualización.* Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Cristo para nosotros hoy.* Madrid, Espanha: Editorial Trotta, 1997.

\_\_\_\_\_. *La justicia crea futuro: Política de paz y ética de la creación en un mundo amenazado*. Espanha: Editorial Sal Terrae, 1992.

\_\_\_\_\_. *El hombre: antropologia cristiana en los conflictos del presente*. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme, 1976.

\_\_\_\_\_. *Dios en la creación: Doctrina ecológica de la creación*. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

PAPA BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate: sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2009. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate_po.html)>. Acesso em 14 de Janeiro de 2014.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Lumen Fidei: sobre a Fé*. Roma, 29 de junho de 2013. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/francesco/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20130629\\_enciclica-lumen-fidei\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/francesco/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei_po.html)>. Acesso em 22 de Janeiro de 2014.

PAPA JOÃO XXIII. *Mater et magistra: Evolução da questão social à luz da Doutrina Cristã*. Roma, 1961. Disponível em: <[HTTP://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_xxiii/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater_po.html)>. Acesso em 14 de Janeiro de 2014.

PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium Vitae: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana*. Roma, 1995. Disponível em: <[HTTP://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031995\\_evangelium-vitae\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae_po.html)>. Acesso em 14 de Janeiro de 2014.

PAPA PAULO VI. *Constituição Dogmática Lumen Gentium: sobre a Igreja*. Roma, 1964. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)>. Acesso em 22 de Janeiro de 2014.

PAPA PAULO VI. *Constituição Pastoral Gaudium Et Spes sobre a Igreja no Mundo Actual*. Roma, 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>. Acesso em 14 de Janeiro de 2014.

PAPA PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi: sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1975. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi_po.html)>. Acesso em 14 de Janeiro de 2014.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico*. São Paulo: Herder, 1970.

\_\_\_\_\_. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. *Jesus de Nazaré: primeira parte: do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. *Luz do Mundo: O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos: uma conversa com Peter Seewald*. São Paulo: Paulinas, 2011.

VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. Aparecida, SP: Santuário, 2001.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2001.

WEBER, Max. *Ciência e política: Duas Vocações*. São Paulo: Cultrix, 2007.